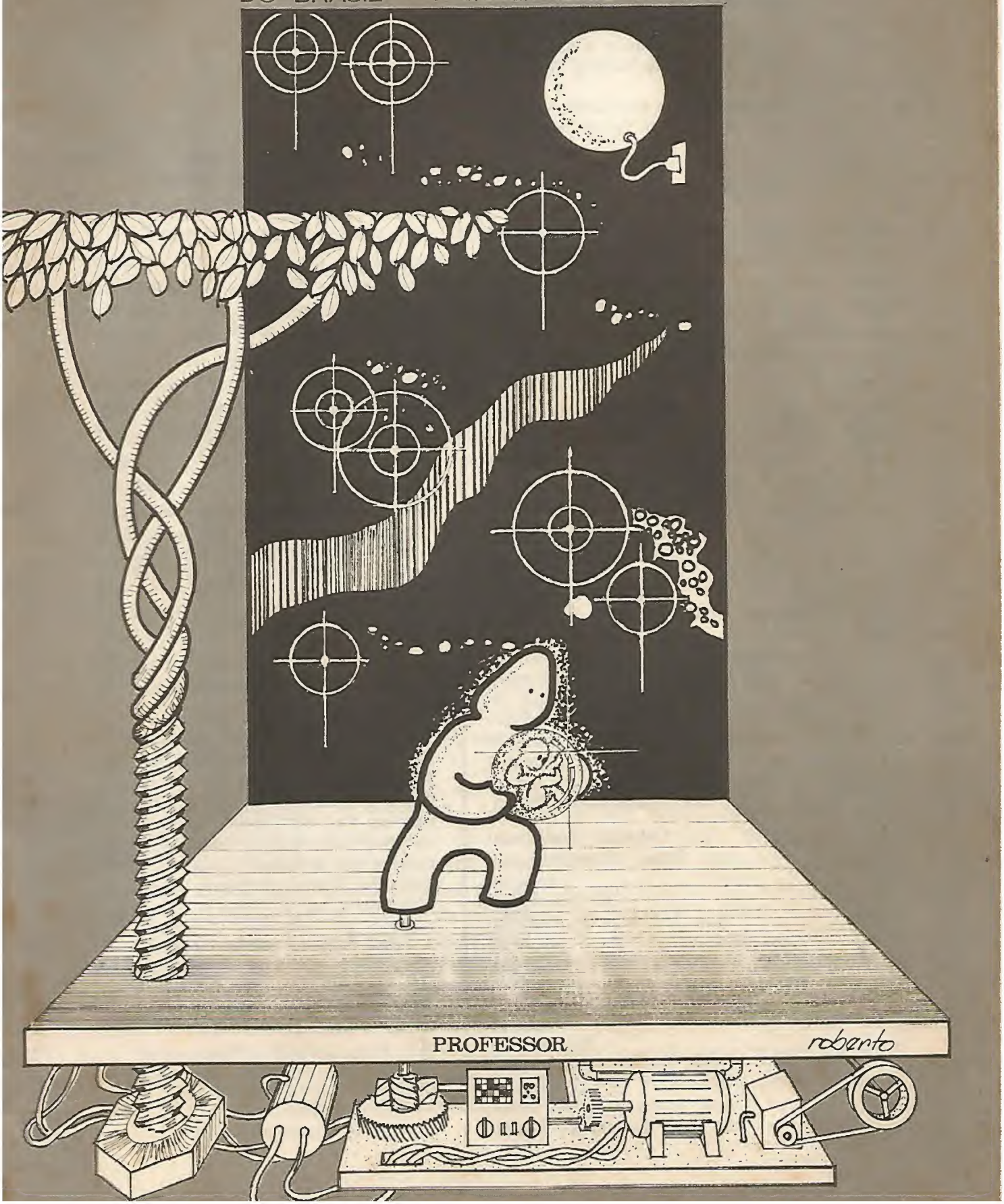
a SEMENTE

REVISTA DE EDUCAÇÃO CRISTÃ - IGREJA PRESBITERIANA INDEPENDENTE DO BRASIL – 1º Quadrimestre de 1983



Unidade: Oração do Pai Nosso

Lição 1
A Paternidade de Deus
Rev. Antonio Godoy Sobrinho

Lição 2
O nome e o reino de Deus
Rev. Antonio de Godoy Sobrinho

Lição 3
A vontade de Deus e o nosso pão
Rev. Antonio de Godoy Sobrinho

Lição 4
O perdão e o livramento do mal
Rev. Antonio de Godoy Sobrinho

Lição 5
Um grandioso louvor
Rev. Antonio de Godoy Sobrinho

Unidade: Cantai ao Senhor

Lição 6
A música na Bíblia
Rev. João Wilson Faustini

Lição 7
A música e sua função no culto
Rev. João Wilson Faustini

Lição 8
O ministério da música na Igreja
Rev. João Wilson Faustini

Lição 9
O cântico e a missão da Igreja
Rev. João Wilson Faustini

Unidade: Transições na vida adulta

Lição 10
Crise e Casamento
Margareth Novaes Brepohl (psicóloga)

Lição 11
Educação dos filhos, um foco de crise?
Rev. Antonio Miguel dos Santos

Lição 12
A velhice
Rev. Leonildo Silveira Campos

Lição 13
A morte
Rev. Paulo Cintra Bueno

Unidade: Problemas éticos contemporâneos

Lição 14
O alcoolismo
Sem. Jefferson de Andrade

Lição 15
Drogas
Sem. Cláudio de Souza e
Sem. Raimundo Santos Goes

Lição 16
Prostituição
Sem. Edson Tadeu Duran

Lição 17
Crime contra o bem comum
Sem. Luis Pereira de Souza

A SEMENTE

Revista de Educação Cristã
para uso nas classes de adultos

Ano 2 - Número 1
1.º quadrimestre de 1983

Publicada pela
Comissão de Educação Cristã da
Igreja Presbiteriana
Independente do Brasil
e editada pela
Livraria e Editora
Pendão Real
(Rua Nestor Pestana, 106
Telefones: 256-7505 e 257-4847
São Paulo)

Grupo de Adultos:
Rev. Leonildo Silveira Campos
(coordenação)
Rev. Gerson Correia de Lacerda
Rev. Antonio de Godoy Sobrinho

Diagramação:
Elisiario E. Couto

Revisão:
Rev. Hilder Campanucci Sturtz

Nossa Capa:
A capa deste primeiro número de Semente foi feita pelo artista Roberto Almenara de Freitas, da 1.ª IPI de S. Paulo. Ela nos traz um rico significado: vivemos num mundo onde as pessoas são esmagadas pela máquina. Alguns chegaram até a profetizar que a máquina acabaria por substituir o homem. A nossa capa no entanto sugere outra coisa. A máquina, por mais perfeita jamais poderá substituir o homem. Não há sementes artificiais. Somente a vida tem produzido vida.
No meio do mundo da máquina, Deus se faz presente, através de uma SEMENTE, semente que transmite vida!

Caro Professor

Estamos entregando para você, mais um encarte, contendo algumas sugestões para as suas aulas. Reconhecemos que precisaríamos apresentar muito mais, para facilitar o seu trabalho. No entanto há obstáculos para isso. Um deles é a falta de espaço. A publicação de maiores informações levaria a revista a um custo elevado, para as nossas Igrejas. Precisamos então trabalhar com a realidade que temos. Isso exige por parte do professor esforço para adaptar o material à sua classe de Escola Dominical. Lembre-se que as lições são escritas para o Brasil todo. Há lições que nos agradam e outras que não fazem o nosso gênero. Isso é normal em qualquer lugar e na Igreja não seria diferente. É preciso portanto que o professor tenha consciência desse fato e procure suplementar o que não conseguir encontrar neste encarte. Aliás, a esse propósito, Jesus, o Mestre por excelência sabia adequar o seu ensino aos seus alunos, usando o material fácil e ali presente. Falavra das flores e dos alimentos e os alunos entendiam. Essa é também a nossa missão como professores hoje. Precisamos aprender de Jesus e de sua arte de ensinar. Lembramos da afirmação de Park Hays Miller: "O verdadeiro teste de um professor não são as teorias fascinantes que ele advoga, mas, sim, os resultados de seu ensino". Teremos que aplicar este teste ao nosso ensino em Escola Dominical. Para um bom professor, coisas simples e até inadequadas se transformam em vibrantes lições. Para um professor sem capacidade poderá lhe ser dado o melhor material do mundo. O resultado não será bom! A atividade docente é bela, mas ao mesmo tempo cheia de responsabilidades! Ao iniciarmos este quadrimestre, a Comissão de Educação Cristã mais uma vez repete: o sucesso de uma aula, ou o seu insucesso, não poderá ser simplesmente jogado em cima da qualidade do material que temos. Ele é importante, mas não é tudo. Caro Professor, a Escola Dominical de nossa Igreja precisa de você, de sua capacidade e de seu entusiasmo. Foi pensando nisso, na sua formação, que temos desenvolvido alguns cursos de treinamento de professores de Escola Dominical. Há um grupo da Comissão de Educação Cristã trabalhando para oferecer esse curso a nível de presbitério ou de região. Por que não fazer em sua região um curso assim? Por que não fazer reunião periódica com o Pastor de sua Igreja e juntos discutirem a melhor forma de aperfeiçoar o seu trabalho?

Aproveite também para ler o subsídio final, escrito pelo Presb. Arnold H. Ferle. Em cada Revista do Professor, ele estará escrevendo para ajudar a Você. Obrigado e que Deus lhe abençoe Professor!

Unidade 1

Estudos Bíblicos sobre a Oração do Pai Nosso

Caro professor:

Peter Marshall, famoso pastor presbiteriano de origem escocesa e que chegou a desempenhar as funções de capelão do Senado norte-americano, pregou certa vez um sermão que trazia um título desconcertante: "Orar é perigoso". Pretendia o ilustre pregador demonstrar que a oração, ao lado de ser fonte de bênçãos e comunhão, é igualmente motivo de perigo para a vida cristã, desde que não se faça um uso correto da mesma. O mesmo se poderia dizer do *Pai Nosso*. Há perigos que envolvem a repetição pura e simples desta oração. Estas lições, além de enfocar tais perigos, estarão subsidiando os crentes no sentido de um correto uso da Oração do Senhor, bem como oferecendo material bíblico de grande valia para melhor situá-la no culto e na vida devocional de cada um.

O primeiro perigo a ser identificado é o da *recitação*. Orar é comprometer-se, razão porque a oração do crente não pode ser um discurso com palavras bonitas, proferido de forma sonora no contexto do culto. Estamos acostumados a observar isto. Quantos há que pedem, até comovidamente, destacando bem as sílabas, pelos órfãos, pelas viúvas, pelos encarcerados, mas nunca visitaram um orfanato, um asilo ou presídio, nem sequer se envolveram em atidades assistenciais nestes setores. Da mesma forma, a simples recitação da Oração Dominical seria uma repetição descompromissada, uma atitude mecânica e formal, que jamais nos levaria a identificar-nos com o sentimento de Cristo. Há compromissos sérios nesta oração. Para ser usada como simples recitação jamais seria ensinada pelo Mestre. Aliás, a mensagem de Cristo jamais se serviu de fórmulas previamente arranjadas, como tendo valor em si mesmas. A Oração Dominical, conseqüentemente, não é uma *reza* de efeito mágico que, independentemente do compromisso do indivíduo, age por si mesma. É, antes, um modelo de oração que, de forma abrangente e com poucas palavras, focaliza a vida cristã em sua dimensão global, sem cair em sentimentalismo superficial que fenece ante a realidade da vida.

Outro perigo é o da *vulgarização*. A introdução da lição n.º 1 deixa bem caracterizado este perigo. O *Pai Nosso* tem sido utilizado como uma oração de todas as ocasiões, que se presta até ao preenchimento de formalidades

cerimoniais. E, por incrível que pareça, também as igrejas têm contribuído para esta vulgarização. Certa vez, um crente fez uma observação bastante inteligente, ao relatar que, em sua igreja, só no período da manhã, a Oração Dominical era repetida três vezes: no encerramento da reunião de oração, na abertura da Escola Dominical e no encerramento da mesma. A lição n.º 1 deixa bem claro o uso que a Igreja Primitiva fazia desta oração e o cuidado que se tinha em não vulgarizá-la. Cremos que uma grande ênfase deva ser dado neste aspecto, no estudo da referida lição.

O terceiro perigo é o da *superficialização*. Isto diz respeito à mensagem da oração. Quantas vezes as implicações decorrentes da Oração Dominical têm sido focalizadas de forma parcial e distorcida. Isto é resultante da falta de um correto conhecimento bíblico. "Errais, não conhecendo as Escrituras..." advertiu Jesus Cristo (Mat. 22.29). As petições desta oração, convenientemente analisadas nestas lições, servirão para evitar esta tendência e fortalecer a vida devocional de cada crente, bem como enriquecer o culto em sua correta compreensão.

Esperamos que os professores se preparem seriamente para este mister Lamentamos que, em nossa língua, não disponhamos de muita coisa séria sobre esta oração. Mesmo os comentários bíblicos existentes em português, dada sua visão genérica, abordam a Oração Dominical de forma muito rápida. Apesar disto, tentaremos indicar algumas fontes que poderão ser consultadas com real proveito pelos professores:

JEREMIAS, J. *O Pai Nosso*: *a Oração do Senhor*. S. Paulo, Edições Paulinas, 1980.

———— *A Mensagem Central do Novo Testamento*. S. Paulo, Edições Paulinas, 1977. Cap. 1, pp. 11-35.

STELLA, J.B. *O Pai Nosso*. São Paulo, Imprensa Metodista, 1979.

MANSON, T.W. *O Ensino de Jesus*. S. Paulo, ASTE, 1965. Cap. IV, pp. 105-128.

Nota: com relação às duas primeiras obras, devemos esclarecer que a editora é católica, mas o autor é protestante.

Em espanhol:

BARTH, K. *La Oración*. Buenos Aires, La Aurora, 1968.

LUTERO, M. *El Padrenuestro*. Buenos Aires, La Aurora, 1946.

Deixamos de citar obras em outras línguas por serem de difícil acesso. Verbetes dos dicionários bíblicos disponíveis em nossa língua também poderão ser consultados.

Paulo de Góes

Lição 1
A Paternidade de Deus

Objetivo da lição

Podemos resumir o objetivo da lição nestes itens:

— Ressaltar a importância da Oração Dominical dentro do contexto de culto da Igreja Primitiva, comparando aquela prática com o uso um tanto deformado que dela fazemos hoje.

— Ressaltar a doutrina da paternidade de Deus, desenvolvendo a consciência de nossa responsabilidade no Reino.

— Deixar bem claro que *orar* não é simplesmente *recitar*. A Oração Dominical não é uma *reza*. Quando chamamos Deus de Pai, diversas implicações decorrem deste tratamento e isto precisa ser enfatizado.

O material bíblico

a) *Sobre as duas versões*

Os dois Evangelhos que transcrevem a Oração Dominical foram escritos entre os anos 75 e 85 de nossa era. Cada evangelista pertencia a uma comunidade (igreja) diferente: Mateus fazia parte de uma comunidade judeu-cristã; Lucas, de uma gentílica. Cada igreja utilizava a Oração Dominical em seu culto e as versões utilizadas, embora conservassem a mesma essência e sentido, comportavam algumas diferenças. Quando Lucas escreveu seu Evangelho aproveitou a versão divulgada em sua comunidade. O mesmo fez Mateus. Afinal, o Mestre não escreveu esta oração, padronizando sua versão. Nem houve alguém que, de imediato, a anotasse quando a mesma foi ensinada. Ela foi assimilada de forma diferente e assim conservada, sem alterar, contudo, o seu núcleo.

Há ainda a questão de contexto. Em Mateus, a oração faz parte do Sermão da Montanha, sendo precedida de uma excelente orientação sobre como se deve orar. Em Lucas, a oração aparece em função do pedido de um discípulo, após ter Jesus orado. Embora seja admissível que Jesus tivesse ensinado esta oração em mais de uma ocasião, a diferença de contexto entre os dois Evangelhos não nos levam necessária e obrigatoriamente a essa conclusão. Lembrar que os dois contextos lembram a orientação de Jesus sobre a oração. Apenas o de Lucas é mais breve e a de Mateus, mais longa.

Contudo, " o próprio Jesus poderia ter apresentado aos discípulos o Pai-nosso sob duas formas, uma curta e outra longa, em diferentes ocasiões. Nada nos permite excluir *a priori* (antes de mais nada) esta hipótese" (J. Jeremias).

Deve-se lembrar também que Mateus destina seu Evangelho aos judeus, daí a razão de sua versão ser mais elaborada liturgicamente, ou seja, mais preparada para o culto. (cf. Mat. 6.9 e Luc. 11.2a; Mat. 6.10 e Luc. 11.2b; Mat. 6.13 e Luc. 11.4). O destinatário deste Evangelho era um povo acostumado à oração, razão porque se justifica os acréscimos de caráter litúrgico. Lucas é um Evangelho dirigido aos pagãos, um povo não acostumado a orar. Daí ser uma versão mais abreviada, concentrando-se no essencial.

b) *Sobre a paternidade de Deus*

A consideração da paternidade divina não é uma inovação da parte de Jesus. É encontrado no Oriente antigo, desde o terceiro milênio antes de Cristo, a palavra *Pai* em invocações à divindade. Veja-se ainda o hino a Zeus, por Cleanto (330 a.C.) ou as sentenças de Epíteto (sec. I d.C.), bem como a citação que Paulo faz do poeta Aratus (At. 17.28). No Antigo Testamento, raramente Deus é designado como pai (apenas 14 vezes). Por certo, os escritores do V.T. tinham receio de serem mal interpretados através das influências pagãs que procuravam esta-

belecer uma comunhão de natureza entre a divindade e o ser humano.

Jesus introduziu uma nova e revolucionária doutrina sobre a paternidade de Deus: Esta era vista, pelo Mestre, a partir de um relacionamento íntimo com o Pai. Daí usar a palavra aramaica *Abba* (A Talmud afirma que, quando uma criança, em Israel, era desmamada, as duas primeiras palavras que aprendia a falar eram *Abba* e *Imma* — "papaizinho", "mamãezinha"). Paulo seguiu este mesmo uso (Rom. 8.15 e Gal. 4.6). Isto explica o fato da Igreja Primitiva conservar o *Pai Nosso* como um dos mais sagrados tesouros da Igreja e só podendo recitar esta oração aqueles que efetivamente pertenciam à comunidade de fé. E T.W. Manson ainda observa: "Jesus não pregou em público sobre a paternidade de Deus, mas falou ocasionalmente, em particular, a esse respeito aos seus mais íntimos discípulos e seguidores". E Jesus Cristo fez questão de ressaltar que a paternidade de Deus é única: "A ninguém sobre a terra chameis vosso pai; porque só um é vosso Pai, aquele que está no céu" (Mat. 23.9).

Sugestões

Comece a aula enfatizando a importância do *Pai Nosso*. A introddução da lição, na revista do aluno, se presta muito bem a isto. Ressaltar que esta oração não deve ser recitada como simples *reza,* dentro de uma forma mecânica e até irreverente. Tertuliano costuamava dizer que o *Pai Nosso* era a súmula de todo o Evangelho ("breviarium totius Evangelii").

Por que Jesus Cristo teria ensinado esta oração? Há justificativas históricas para isto? O que teria motivado o pedido daquele discípulo (conforme assinala Lucas). Faça os alunos pensar, utilizando como subsídio o item 1 da lição (texto do aluno).

Em seguida, coloque o problema das duas *versões*. Por que duas versões? Ouça a opinião dos alunos e dê a explicação apresentada neste roteiro. Se houver possibilidade de transcrever no quadro as duas versões (em forma de sinopse), isto ajudaria muito. Não havendo quadro negro, confronte os dois textos através da leitura versículo por versículo feita pelos alunos. Utilizar, finalmente, as três observações contidas no item 2 (texto do aluno).

Discuta o significado de Deus como pai, na acepção empregada por Cristo. Estudar muito bem o item 3 (revista do aluno).

Faça todo esforço para sobrar um tempo para a discussão das conclusões (item 4, texto do aluno). É bom ter cuidado no sentido de não introduzir explicações pessoais. Nem sempre as deduções próprias contribuem para uma correta interpretação bíblica.

Pensamentos

"É a partir da categoria do Reino que devemos interpretar a da paternidade. Realeza escatológica e paternidade permanecem inseparáveis até na oração do Senhor; esta começa pela invocação do Pai e tem prosseguimento por pedidos, concernindo ao nome, ao reino e à vontade que só se compreendem na perspectiva de uma realização escatológica. A paternidade é, assim, situada na dinâmica de uma teologia da esperança. O Pai da invocação é o mesmo que o Deus da pregação Reino, no qual o homem só ingressa quando se tornar como uma criança" (Paul Ricoeur).

"Estamos a caminho de uma sociedade sem pai..." (Mitscherlich).

"Dizemos Pai, porque somos feitos filhos" (Cipriano).

"Nós invocamos também o Filho no Pai, porque o Pai e eu, diz ele, somos um (Jo.10.30). Mas não esquecemos também a Igreja, nossa mãe. Nomear o Pai e o Filho é proclamar a Mãe sem a qual não há Pai nem Filho" (Tertuliano).

Lição 2
O nome e o reino de Deus

Objetivo da lição

— Desfazer os equívocos que captamos no dia-a-dia e os transpomos para o nome de Deus. Estes equívocos estão patentes em diversas expressões, como esta: "Fulano é *Franco* só de nome". Com isto, estabelece-se a separação entre o nome e a pessoa. No pensamento bíblico isto não acontecia.

— Deixar bem claro o que significa "santificar" o nome de Deus.

— Assinalar que a vinda do Reino se dá também com a nossa participação e, por isso, ousamos orar para que ele venha.

— Desmascarar as formas e estruturas eclesiásticas que se auto-definem como autêntica manifestação do Reino, enganando o povo sobre o verdadeiro sentido do Reino de Deus.

O material bíblico

1. O ato de dar nome às coisas foi uma das primeiras atribuições do homem (Gen. 2.18-20). Era uma ação inteligente que só ao homem caberia fazê-lo, como imagem e semelhança de Deus. Também os nomes das pessoas não poderiam surgir de forma arbitrária ou caprichosa. Raquel queria chamar o último filho de "Benoni" (Filho de minha tristeza), mas Jacó preferiu "Benjamin" (Filho da mão direita), exatamente porque a tristeza que a mãe sentia era menor que o amor que seu marido lhe devotava (Gen. 35.18). Uma experiência nova na vida de uma pessoa possibilitava a mudança de seu nome (Gen. 17.5; 35.10; II Rs. 24.17). Na Bíblia, os nomes de Deus, freqüentemente, se associam aos atos que realiza: *justiça* (Sl. 89.15 e 16); *fidelidade* (Sal. 89.24); *santidade* (Sal. 99.3). A expressão "por amor do meu nome" tem caráter de preservação da identidade divina e de sua reputação (I Sam. 12.22; Sal. 23.3; 25.11; Jer. 14.7-8; Ez. 20.44). Onde o nome de Deus está implicado, Deus está pessoalmente envolvido e deve preservar sua reputação. Portanto, a santificação do nome de Deus é a preservação de sua condição divina.

2. "Santificar" é verbo derivado do termo "santo" que, aplicado a Deus, quer dizer "separado", "aquele que está do outro lado". *Sanctus,* em latim, origina-se do verbo "sancire" (ser cortado, afastado, separado). Deus não é homem, nem sua natureza se confunde com a natureza humana. Ele habita em luz inacessível (Ex. 15.11; I Sam. 2.2; I Tim. 6.16). Em função disto, seu nome, ou seja, sua natureza é santa (Lev. 11.14; 19.2; 21.8; Jó 6.10; Prov. 9.10; 30.3; Is. 6.3). Santificar o nome de Deus significa reconhecer isto e proclamar tal verdade num mundo em que Deus não é glorificado, nem santificado.

3. Mas a santidade de Deus não fá-lo isolar-se do homem. O evangelista João utiliza a expressão "Pai Santo" (17.11): Deus está próximo (porque é Pai) e está distante (porque é Santo). A santidade de Deus desperta no homem, ao mesmo tempo, desejo de fuga e de aproximação (Ex. 3.3; 5, 7; Is. 6). A natureza santa de Deus não repele totalmente o homem (Ez. 28.22). Isto quer dizer que a santificação do nome de Deus não exige pura e simplesmente um gesto ritual (ver texto do aluno, item 1, par. 3), mas também mudança de vida. Orígenes, comentando esta petição do Pai Nosso, escreveu: "Aquele que não se esforça por colocar em harmonia sua concepção de Deus com aquilo que é justo, este 'toma em vão' o santo nome do Senhor Deus". E Lutero costumava dizer que a santificação do nome de Deus manifesta-se na pregação. Um sermão sem o devido preparo é o contrário desta atitude de santificação. Ah, certos pregadores!...

4. Identificar a Igreja institucionalmente estabelecida como Reino de Deus seria restringir a grandeza deste

último, empanar sua beleza, diminuir seu alcance e poder. Por isso, Jesus nunca explicou, em forma de definição, o Reino. Mas usou parábolas que não deixam dúvida quanto a seu sentido (Mat. 13.33; 13.44 e 45; Mc. 4.26-32). Lendo os Evangelhos, tomamos conhecimento que o Reino de Deus já veio, continua vindo e consumará na eternidade. É, portanto, um processo que já irrompeu com a vinda de Crsito, continua se realizando no processo histórico e está aberto para o amanhã, aguardando sua plenitude. E nós, como cristãos, participamos deste processo. Suplicar para que venha o Reino de Deus é ativar nossas esperanças para que esta não seja derrotada pela brutalidade e absurdos do dia-a-dia. É comprometer-se com Cristo para o estabelecimento definitivo do Reino.

5. É bom lembrar que uma variante do *Pai Nosso,* no texto de Lucas (Código D), acrescenta: "Venha teu Santo Espírito sobre nós e nos purifique". Embora se considere unicamente os dois textos (Mat. e Luc.) como autênticos, esta variante é interessante porque inclui a ação do Espírito Santo para nos tornar aptos para o Reino.

Sugestões

Recordar a lição de domingo passado, assinalando que a Oração Dominical se reservava aos membros da Igreja. Os de fora não poderiam fazê-la. Daí se extrai a ligação bem estreita entre a Oração e o Reino. Comentar a frase de E. Fuchs citada na introdução (texto do aluno).

A primeira petição do *Pai Nosso* diz respeito à santificação do nome de Deus. Utilizar, inicialmente, o material bíblico, deixando bem claro que, especialmente no Velho Testamento, o nome está indissociavelmente ligado à pessoa, tendo, portanto, significado. Poder-se-ia tomar os nomes de alguns alunos da classe, convidando os mesmos a determinar seu significado. A não existência deste significado poderia ilustrar como em Israel isto era diferente. Enquanto hoje o nome dos filhos é escolhido conforme sua sonoridade ou sua ligação com familiares ou personalidades famosas, no Velho Testamento, a preocupação maior era determinar o nome conforme a pessoa ou as circunstâncias em que se deram seu nascimento. Seria também interessante discorrer sobre o porquê do nome *Javé* aplicado a Deus.

Esclarecer o significado da santificação do nome de Deus. Utilizar o texto do aluno (item 1, par. 3).

Reino de Deus e Igreja são duas expressões que não devem ser confundidas. Esta, tanto pode ser instrumento do Reino, como sério empecilho para o mesmo. Deixar bem entendido este aspecto.

Finalmente, discutir o significado da segunda petição: "Venha o teu Reino". Utilizar as implicações do texto do aluno (item 2, par. 4).

Pensamentos

É, pois, a graça do bem viver que tu pedes, quando oras: venha o teu Reino" (Agostinho)

"Aquele que se conserva puro nas ações, nos pensamentos, nas palavras, este pode suplicar: "Venha o teu Reino" (Cirilo de Jerusalém)

"*Santificado seja o teu nome* dá por assente que aquele que a pronuncia conhece o nome de Deus. Não oramos por algo que não conhecemos. Isto pressupõe que o nome de Deus já é santificado" (Lutero)

"Venha o teu Reino! Isto significa que o grande movimento de Deus em favor do homem que começa com o Advento, Páscoa e Pencostes deve ser retomado" (Karl Barth)

Lição 3
A vontade de Deus e o nosso pão

Objetivo da lição

— Denunciar a confusão que comumente se faz entre a vontade de

Deus e a força inexorável do "destino". O suspiro resignado "Deus quis assim", nem sempre é uma expressão piedosa. Pode haver nela forte dose de paganismo. Pode subentender a submissão à força do "destino".

— Demonstrar que a soberania de Deus exige a existência de um só Senhor (Deus) e que isto não implica, por outro lado, que os justos são sempre poupados da desgraça, da perseguição, das dificuldades.

— Identificar certas manifestações de "materialismo cristão" decorrentes de uma interpretação apressada da expressão "pão nosso", entendendo-a como simples refeição diária. É verdade que nossas necessidades básicas devem ser satisfeitas, mas considerar esta petição apenas com este sentido é amputar a abrangência da expressão. "Não só de pão viverá o homem", disse Jesus, recordando o ensino do Velho Testamento (cf. Mat. 4.4; Dt. 8.3).

— Advertir sobre o perigo de se deformar o Natal, bem como o sentido do batismo dos filhos, das comemorações de aniversário, enfatizando apenas o lado festivo destes eventos concretamente demonstrados nos banquetes, nas bebidas, etc....

— Demonstrar que a quarta petição também se refere ao "pão da vida". Assim como a Santa Ceia figura como o prenúncio do banquete celestial, é necessário que o "pão nosso" não seja entendido como alimentação diária de forma exclusiva.

O material bíblico

1. Lucas, em sua versão do *Pai Nosso,* omite esta terceira petição ("seja feita a tua vontade, assim na terra como no céu"). Alguns comentadores explicam esta omissão, justificando que o seu sentido já está expresso na petição anterior ("venha o teu Reino"). O original grego *genethéto tò thélema sou* pode ser traduzido por "que *aconteça* a tua vontade", expressão esta que se aplica à vinda do Reino. Vontade divina e manifestação dos ideais do Reino estão presentes no pensamento de Jesus (Jo. 4.34; 5.30; 6.39). Não perder ninguém e levar cada um à plenitude da vida é a manifestação do Reino. Assim, suplicar que seja feita a vontade de Deus, ou que *aconteça* a sua vontade, é implorar que Deus realize seu Reino. Deus não quer a morte do pecador, mas que ele se converta e viva (Ez. 18.23-32; 33.11; II Ped. 3.9).

2. A concretização da vontade de Deus é o abandono humilde ao mistério de Deus. Veja bem: *de Deus* (o que implica na rejeição da existência de uma força chamada "destino"). Este abandono não pode ser confundido com aquele vivenciado e defendido pelos filósofos, tais como Sêneca, Epiteto, Sócrates, Marco Aurélio e outros. Estes pressupunham a força do destino, o que não acontece com a Bíblia (I Sam. 3.18; Sal. 135.6; Heb. 10.5-7; Luc. 22.42). A última palavra de Jesus, segundo Lucas, foi uma expressão de total abandono nas mãos do Pai (23.40). A expressão tão cara ao nosso linguajar "se Deus quiser" tem uma conotação teológica profunda, desde que não seja confundida com a submissão cega ao destino (Rom 1.10; 15.32; I Cor. 4.11; 16.7-12; At. 18.21; Tg. 4.15). Deus é o centro da história, não o nosso "eu". Tertuliano, em seu comentário do *Pai Nosso,* diz: "Por esta petição nos admoestamos a nós mesmos à paciência". E Cipriano afirma: "Não que Deus faça o que nós queremos, mas que nós façamos o que Deus quer".

3. *Assim na terra como no céu.* Na linguagem do Antigo Testamento, bem como em expressões que aparecem no Novo, "terra" e "céu", como termos interligados, querem exprimir, espacialmente, a totalidade da criação de Deus (Mat. 5.8; 24.35; 11.25; 28.18). Suplicar que a vontade divina seja feita, assim na terra como no céu significa que esta vontade deve ser feita em todos os lugares e sempre. O senhorio de Deus não se restringe a uma região, mas

abrange a totalidade de sua criação. Leia o salmo 139. A correlação *assim... como* reconhece, contudo, que, não obstante a vontade divina ser aceita em termos absolutos no céu, na terra, ainda ela é contradita. A súplica, pode, então, significar: Assim como no céu já se faz a vontade de Deus, que o mesmo aconteça o quanto antes na terra. Orígenes, assim comenta esta petição: "Se a vontade de Deus for feita na terra como o é no céu, a terra não fica mais terra... então todos seremos céu".

4. A citação do *Evangelho aos Hebreus,* por São Jerônimo, conforme lembra o texto do aluno, deve ser levada a sério. Embora este documento seja posterior a Mateus, a forma aramaica do *Pai Nosso* por ele utilizada é mais antiga. Na Palestina, a recitação do *Pai Nosso* em aramaico foi praticada durante todo o século I. E o sentido da versão aramaica não nos permite restringir o "pão nosso" à refeição diária. Lutero, no Catecismo Menor, estabelece uma exaustiva lista de elementos que poderiam ser identificados como "pão": alimento, bebida, vestidos, calçado, casa, campo, animais, dinheiro, casamento feliz, filhos piedosos, empregados honestos, bons e fiéis magistrados, bom governo, bom tempo, paz, saúde, disciplina, honra, bons amigos, fiéis vizinhos, etc... Mas esta lista, de certa forma, traduz as necessidades e condições de vida da burguesia da sociedade alemã. O sentido de "pão" é ainda mais amplo, voltando-se para o futuro, para o sentido de "pão do céu". E isto não pode ser entendido como espiritualização à moda da filosofia grega, pois para Jseus não há separação entre o pão terrestre e o pão da vida. No Antigo Testamento, palavra "pão" é também o símbolo temporal da graça eterna de Deus. O vocábulo tem ali um sentido muito mais simples, natural e material, mas também muito mais profundo e sublime do que costumamos pensar. Isto quer dizer que o natural e o sublime estão interligados.

Sugestões

Introduza a lição, focalizando globalmente as seis petições, lembrando que as mesmas formam duas unidades:

— Nós e as coisas que dizem respeito a Deus (1.ª, 2.ª e 3.ª petições).

— Nós e as coisas que dizem respeito a nós mesmos (as 3 restantes).

Justificar a união da 3.ª com a 4.ª petição nesta lição (Vide introdução — texto do aluno).

Focalize a questão do "destino" dentro da compreensão religiosa do povo. Note que o mesmo se apresenta como uma força neutra (não é diabólico, nem divino), identificando-se como um poder implacável ante o qual o homem é impotente. Há justificativas para crermos nisto? Discuta com a classe.

A seguir apesenta a idéia bíblica da soberania de Deus. Use o texto do aluno (item 1), servindo-se dos demais subsídios oferecido pelo material bíblico anteriormente exposto.

Detenha-se no sentido de "pão" na quarta petição. Há um artigo interessante do Rev. Adauto A. Dourado, publicado na *Revista Teológica* (Sem. Presb. do Sul), jul. 1963, pg. 38ss, com o seguinte título: "O materialismo cristão". Comentar a versão do *Evangelho aos Hebreus,* lembrada por S. Jerônimo, e seu sentido.

Veja bem, que o ato de comer não pode ser esvasiado em seu sentido exclusivamente "material". A Bíblia não faz divisão entre o "material" e o "espiritual". Afinal, se o comer é uma ação "material", por que agradecer a Deus pelo alimento? E por que Paulo menciona a glutonaria como um dos pecados que nos excluem do Reino (Gal. 5.21).

Alerta a classe sobre o grande mal do "materialismo cristão". Ele se manifesta nas comemorações do Natal, de aniversário, nas "festas" de batizado, etc...

Pensamentos

"Faça-se a tua vontade... "Que se realize a execução desse plano, que tenha lugar agora, entre o começo e o fim. Que este tempo em que vivemos não transcorra em vão. Trata-se de uma realização que não está em nossas mãos. Não somos nós que fazemos esta vontade de Deus. A ele pertence o plano e a execução, o tempo, o que foi e o que será: todo o conteúdo do tempo é seu" (K. Barth).

"Ao faminto pertence o pão que se estraga em tua casa. Ao descalço pertence o sapato que cria bolor debaixo de tua cama. Ao nu pertencem as vestes que ficam em teus baús. Ao miserável pertence o dinheiro que desvaloriza em teus cofres" (Basílio Magno).

Lição 4
O perdão e o livramento do mal

Objetivo da lição

— Entender o pecado em sua dimensão mais ampla (não como simples quebra da Lei, como afirmam os catecismos Breve e Maior), ou seja, como ausência de amor.

— Valorizar o perdão divino que nos possibilita a reconciliação com Deus e responsabilizar os homens pelo cultivo do perdão na vivência de cada dia.

— Enfatizar que esta petição é também um compromisso. Antes de pedirmos o perdão pelos nossos pecados, há a pressuposição de que já perdoamos os nossos ofensores ("assim como nós temos perdoado aos nossos devedores").

— Deixar bem claro que não existe vida comunitária sem perdão. Desde que nos disponhamos a conviver uns com os outros, o espírito e a prática do perdão fazem-se necessárias.

— Apontar a tentação como uma realidade da vida cristã e a necessidade de firmeza diante de tal situação.

— Demonstrar que a Bíblia não especula sobre a origem do mal. Seu objetivo não é atender nossa curiosidade, mas denunciar uma realidade em que somos envolvidos na nossa existência.

O material bíblico

O material bíblico dos itens 2, 3 e 4 (texto do aluno) está bem sistematizado e damos por suficiente a explanação do autor. O que colocamos a seguir são notas complementares que poderiam ser úteis ao professor.

As duas versões (Mat. e Luc.), no que se refere às petições estudadas, não são propriamente iguais. Lucas omite o "livra-nos do mal". Além disso, há diferença de termos que devem ser assinalados para uma correta compreensão da mensagem bíblica.

1. Mateus utiliza o termo *hoba* ("dívidas financeiras"), que é uma expressão tirada do mundo dos negócios, mas que, na compreensão judaica, tinha um sentido religioso. Lucas utiliza o termo *harmatias* ("pecados") para facilitar a compreensão dos seus ouvintes que eram gregos e o termo "dívidas" não tinha a conotação religiosa dos judeus. Entretanto, conserva o vocábulo *opheilonti* ("os que devem"), dando idéia da predominância da versão de Mateus.

2. Esta petição é a única do *Pai Nosso* que, como cláusula complementar, faz referência ao comportamento humano ("assim como nós temos perdoado..."). Além disso, Mateus dá uma ênfase especial a este aspecto, colocando uma nota final (6.14 e 15). Isto se harmoniza com a totalidade do ensinamento de Cristo, que sempre viu a vida de fé em dois planos: o horizontal e o vertical, ou seja, a relação com os homens e a relação com Deus. Porém, nesta referência ao comportamento humano não quer absolutamente afirmar a necessidade de uma barganha: *do ut des* ("dou para que me dês"). Acontece que a vida cristã ao

enfatizar a comunhão com Deus, não deve omitir o relacionamento com o próximo (I Jo. 4.20; Mat. 5.23-24; Col. 3.13; Luc. 6.36; 7.2).

3. Nos tempos de Jesus, eram considerados três grupos de pecadores: 1) Judeus que podiam dirigir-se a Deus com penitência e esperança (estes podiam contar com a misericórdia divina); 2) os gentios pecadores que podiam dirigir-se a Deus com atitudes penitentes, mas sem muita esperança de serem ouvidos (eram considerados fora do alcance da misericórdia divina); 3) Judeus que se tornaram gentios e que não podiam contar nem com a penitência, nem com a esperança (estavam completamente perdidos). A esta última classe pertenciam os pastores (porque não podiam guardar a Lei), as prostitutas, os leprosos, os publicanos, etc... Entretanto, o perdão divino não faz tal diferenciação e nem nos autoriza, em nosso relacionamento humano, fazer tal distinção.

4. A expressão "mal" deve ser entendida como o Maligno ou como a maldade de modo geral? "Livra-nos do mal" ou "livra-nos do Maligno"? As opiniões dos exegetas continuam divergentes, pois a questão, gramaticalmente, não pode ser resolvida de forma satisfatória. Em grego está *apo tou ponerou*. O substantivo *ponerou*, encontra-se no genitivo e não sabemos, morfologicamente, se o nominativo é neutro (*ponerón*) ou masculino (*ponerós*). Se o substantivo fosse neutro, significaria maldade, mal; se fosse masculino, significaria Maligno. Provavelmente se usou o masculino, devido ao artigo que o precede (tou), justificando a tradução para Maligno; se fosse usado o neutro, normalmente viria sem o artigo, e nos autorizaria a traduzir simplesmente por *mal*. Entretanto, os latinos sempre entenderam a expressão no sentido de "mal", "maldade", porque naquela língua não existe o artigo: *"libera nos a malo"*. Mas, como dissemos, a questão continua aberta. Apenas devemos ter o cuidado de não nos deixarmos mover por princípios abstratos. O mal nunca é experimentado de forma vaga e abstrata, assim como a graça e o bem.

5. O termo grego que foi traduzido por "livra-nos" é *rysal*. Seu sentido original, não é como no latim "liberare" ou como no português "livrar" ou "libertar". A libertação, no sentido comum, implica uma experiência anterior de cativeiro. Entretanto, o sentido original de *ruesthai* é arrancar da iminência de cair no abismo, de proteger contra os perigos da jornada, de defender contra as ciladas que surgem no caminho. Os perigos, as ciladas, os percalços são uma realidade na jornada. O que se pede não é a supressão dos mesmos, mas a proteção para enfrentá-los. Na oração, também, o que se pede não é a extinção da tentação, mas a graça de "ficar em pé" diante da mesma, mantendo a fé em Cristo.

Sugestões

Comece a aula, interrogando a classe sobre o que se entende por "pecado". Provavelmente, as respostas dos catecismos (Breve e Maior) serão citadas. Eis uma boa oportunidade para frisar que o pecado não é simples violação de uma Lei. É também resultado de uma violação de uma relação pessoal. É ausência de amor.

Outro conceito a ser discutido é o de *perdão*. Ele está sempre associado ao esquecimento. Perdoar e não esquecer a ofensa é o mesmo que não perdoar. Aproveite o item 2 (texto do aluno) e discuta com a classe os parágrafos a, b, c, d.

Lembrar que a petição seguinte não diz respeito em ser poupado da tentação, mas em ser amparado por Deus, quando ela sobrevier.

Discuta a expressão que aparece na Tradução Revista e Corrigida: "não nos induzas à tentação". Ressalte que a Tradução Revista e Atualizada é mais correta, especialmente por evitar interpretações errôneas, como se Deus le-

vasse o homem à tentação. Reforce esta idéia com Tg. 1.13, 14.

Aborde o realismo com que a Bíblia apresenta o problema do mal, evitando qualquer especulação sobre o mesmo. Utilize o texto do aluno (item 4) para a discussão.

Pensamentos

"O meu semelhante precisava de uma palavra que o levantasse e a palavra lhe foi negada por mim. Seu olhar suplicava misericórdia e eu fui duro e o humilhei. O pobre contou suas desgraças, estendeu a mão, pediu socorro e eu passei de largo. Os olhos dos pequenos reluziam grossos de fome, o bebê tiritava de febre nos braços da mãe esquálida e subnutrida e eu voltei o rosto para não me incodar" (Anônimo).

"Quando nos recusamos reconhecer que ofendemos a Deus como devedores que não pagam suas dívidas, ao fazê-lo, estamos nós mesmos nos excluindo do cristianismo" (Calvino).

"Diante de Deus todos nós nos vemos forçados a destruir nossa prepotência"

"Ninguém pode alcançar o Reino do céu sem ter passado pela tentação" (Tertuliano).

Lição 5
Um grandioso louvor

Objetivo da lição

— Redescobrir o sentido da forma reverente com que os israelitas terminavam suas orações. Jesus Cristo e o Cristianismo Primitivo conservaram este espírito.

— Demonstrar que a oração, longe de ser um instrumento de manipulação de Deus por parte do homem, é a manifestação de "um grandioso louvor".

— Advertir a Igreja de que, por trás de qualquer atitude de oração, está, antes de tudo, o reconhecimento da soberania divina.

— Enfatizar que a atitude de quem ora é sempre de humildade (cf. a parábola do fariseu e do publicano — Luc. 18.9-14).

O material bíblico

Normalmente as Bíblias de tradução católica omitem esta doxologia que aparece no Evangelho de Mateus, nas versões protestantes. No próprio uso que os católicos fazem da Oração Dominical a doxologia é omitida. Antes de tudo, deve-se reconhecer que este final não pertence ao texto original de Mateus, sendo um acréscimo decorrente do uso litúrgico do *Pai Nosso* (ver explicação na *Introdução* — texto do aluno). Mas isto não anula, nem diminui o valor da doxologia. Como diz Joachim Jeremias: "No ambiente da Palestina seria completamente inconcebível que se terminasse uma oração com a palavra "tentação". O louvor final das orações israelitas era uma espécie de "selo", uma autenticação de que a petição não era uma exigência de quem a formulava, mas uma atitude de louvor. Não se trata de inovação posterior ou acréscimo desta doxologia à Oração do Senhor (cf. I Cron. 29. 10-12).

Reino. Seria bom lembrar que a idéia de Reino contida na doxologia não é a mesma da 2.ª petição. Refere-se muito mais à consumação final da obra salvífica em que o poder de Deus se manifestará em sua plenitude. É a nova forma de vida em que a soberania divina se manifestará plenamente. De uma certa forma, a idéia de Reino se associa aqui à 6.ª petição — "livra-nos do mal". É a manifestação concreta da vitória de Deus sobre o mal.

Poder. O poder autêntico, a capacidade de exercer autoridade de forma eficaz pertence exclusivamente a Deus (Sal. 62.11). Daí a diferença entre os deuses pagãos e o Deus de Israel

(Ex. 15.6; 32.11). Toda história bíblica se constitui na descrição da manifestação do poder de Deus que não se identifica com qualquer conceito de fatalidade irreversível, nem se acomoda aos eventos meramente ligados à natureza. As passagens bíblicas citadas no texto do aluno dão a idéia desta compreensão, tanto no Velho como no Novo Testamento. Leia-as com atenção.

Glória. Observar que há uma evolução do conceito de glória de Deus no Velho Testamento. Inicialmente, associa-se a glória de Deus aos fenômenos da natureza de caráter assombroso, tais como tempestades, trovoadas, tormentas, raios, trovões, tremores de terra, etc... O Sinai, local de encontro de Moisés com Deus, manifesta a glória de Javé como um fogo devorador (Sal. 29.3; 97.3-4; Ex. 24.15-18; 19.16). Numa segunda concepção, manifesta-se como transcendência em relação ao homem. Deus é o absolutamente "Outro". Moisés só vê a glória de Deus por reflexo (Ex. 33.17-23). Há uma enorme diferença entre Deus e o homem (Is. 6.1-7). Num terceiro exemplo, a glória de Deus é manifesta na condescendência de Javé, quando faz do tabernáculo o lugar de sua morada (Ex. 16.10;29.43; 40.34ss; Lev. 9.6, 23ss; Num. 14.16). Depois, o templo torna-se o lugar escolhido por Deus para descanso de sua glória (I Rs. 8.10ss.). No Novo Testamento, a maior manifestação da glória de Deus está representada em Cristo (Jo. 1.14) e o homem, através da nova vida oferecida por Cristo, também passa a refletir a glória de Deus (II Cor. 3.18) que se manifestará de forma definitiva na consumação da história (I Cor. 15.43; Fil. 3.21).

Para sempre. Quando um novo papa é coroado, repete-se esta frase: "Sic transit gloria mundi" (Assim passa a glória do mundo), extraída da *Imitação de Cristo,* de Thomas à Kempis. Mas a glória de Deus permanece para sempre (Rom. 8.18; 11.36; Gal. 1.5; Ef. 3.21; Fil. 4.20).

Amém. Nossas orações terminam sempre com o Amém. Não é propriamente uma invenção nossa ou um acréscimo do cristianismo posterior. É uma orientação do próprio Cristo. A Oração do Senhor termina com um grande *Amém.* A palavra hebraica *Amém* possui a mesma raiz que outras daquela língua que significam fé, verdade, segurança, firmeza. Isto dá à oração um caráter de segurança. Não se trata de exposição vaga de sentimentos e necessidades, mas da colocação de um propósito definido. *Amém* passa a significar "assim seja", "assim deve ser". Diz João, no Apocalipse (3.14), que Jesus é o *Amém.* Isto nos dá a certeza de que seremos ouvidos. Não exatamente naquilo que pedimos, mas na manifestação sábia de Deus. "Maior que a certeza de nossas necessidades é a certeza de nossa confiança que sabe: Nosso Pai nos atendeu. Amém".

Lutero afirma que é bom dizer *Amém.* Com isto aprendemos a crer, não a duvidar. A oração deve se concluir como se começa: com confiança e convicção. O *Catecismo de Heidelberg* assim declara: "*Amém* significa que a certeza da resposta divina é maior do que aquilo que sentimos em nós mesmos como necessidades e desejos. Em nossa oração, não é o que pedimos o mais certo, mas o que vem de Deus: a resposta".

Sugestões

Sendo a última lição da unidade, o professor deve dar uma ênfase maior ao sentido e significado da Oração Dominical. Começar lembrando que se trata de uma oração ensinada pelo próprio Cristo, seria um bom acento.

Por certo, algumas perguntas surgirão sobre a omissão desta doxologia em Lucas. Mesmo aqueles que vieram do catolicismo poderão fazer interrogações semelhantes em referência a Mateus e à prática da Igreja de origem. Cremos que o texto do aluno, em sua introdução, é suficiente para tais escla-

recimentos (Ver também o *material bíblico,* nesta revista).

A seguir, procure estudar com os alunos cada uma das expressões que aparecem na doxologia:

Reino;
Poder;
Glória;
Para sempre;
Amém.

Pensamentos

"A oração do *Pai Nosso* encerra toda a trajetória humana em seu impulso para o céu e em seu enraizament na terra. Nela se traduz o momento d luz e também o momento de treva E para tudo dizemos sim e amém (Anônimo).

"Ó Pai Nosso, se estás no céu
— e se santo é o teu nome —
por que não é feita a tua vontade,
assim na terra como no céu?
Por que não dás a todos
seu pão de cada dia?

Por que não perdoas nossos erros
para esquecermos nossas queixas?
Por que em tentações de ódio ainda
[caimos?

Se estás nos céus, ó Pai Nosso,
por que não nos livras deste mal
para dizermos, então, *Amém*?"

Nota: Este poema não entende a oração como um comformismo, mas como uma arma de poder mágico. E isto torna Deus "impotente" ante as mazelas do mundo. Muitos estão também a perguntar: "Ó Deus, se és justo, por que não me defendes? Se és amor, por que não me curas?" Lembrar que o *Pai Nosso* é um compromisso com a soberania de Deus.

Unidade 2

Cantai ao Senhor

Prezado Professor

Estamos iniciando uma nova unidade que tem como tema: "Cantai ao Senhor." Esta expressão é extraída da própria Bíblia. São muitos os Salmos que se iniciam com as palavras: "Cantai ao Senhor."

Para ilustrarmos a importância desse assunto basta verificarmos o material que normalmente todos carregam quando se dirigem aos trabalhos da Igreja: uma Bíblia e um hinário. Evidentemente, não colocamos a Bíblia e o hinário.

no mesmo nível. A Bíblia possui autoridade superior. Nós aceitamos a autoridade suprema das Escrituras. Mas, na prática, a Bíblia e o hinário andam sempre juntos. Nos nossos cultos, infalivelmente, lemos passagens das Escrituras e cantamos hinos dos nossos hinários.

Como é que ficariam os nossos cultos sem os hinos? Como seriam as nossas reuniões sem a música do órgão? Qual a Igreja que não se preocupa em manter um conjunto coral e outros conjuntos?

A música é de fundamental importância na vida da Igreja. Mas podemos ir além: a música é de fundamental importância na vida dos homens.

Os exércitos antigos partiam para a luta ao som de instrumentos musicais. A música foi usada na divulgação do nazismo na Alemanha. Hoje, a maior parte da programação da emissoras de rádio é preenchida com música. Há um grande consumo de aparelhos sofisticados para se "curtir um som" em casa. Os automóveis são equipados com rádio, toca-fitas, etc. E a última novidade nas ruas da cidade são indivíduos que caminham com pequenos fones nos ouvidos, ouvindo música.

Tudo isso deve nos alertava para a grande importância da música na vida do homem e na vida da Igreja. Será que temos reparado nisto? Como é que temos cuidado da música na Igreja? Como é que escolhemos os nossos hinos e como os cantamos? Que contribuição a Igreja já deu para a arte musical e que contribuição está dando hoje?

Este será o nosso assunto para o mês de fevereiro:

a lição 6 trata da música na Bíblia. Nós costumamos separar uma coisa da outra. Para cantarmos usamos o hinário. Para lermos e meditarmos, usamos a Bíblia. Na verdade, porém, a Bíblia é um livro de muita música e de muitos cânticos. Esta lição é importante porque fornece a base para todas as outras do mês;

a lição 7 apresenta um estudo sobre a função da música no culto. O que significa louvar? Quais os papéis que a música desempenha no culto? Quais são as maneiras de se louvar a Deus? Essas e outras perguntas são levantadas no decorrer deste estudo;

a lição 8 aborda o ministério da música na Igreja. O ministério da música entre os hebreus é aqui focalizado como ponto de partida para análise do ministério da música hoje. Os papéis do pastor, do organista, do regente, bem como de todos os crentes é o assunto desta lição;

a lição 9, finalmente, estuda o problema do cântico e a evangelização. Na história da Igreja, a música sempre serviu para o desempenho da missão. Evidentemente, é o Espírito Santo quem converte o ser humano. Mas a música tem sido um dos grandes instrumentos usados na evangelização. Quantas pessoas não se converteram através de um hino? Este estudo servirá para despertar a Igreja, a fim de que use melhor a música para evangelizar.

Insistimos em dizer que as lições deste mês formam um todo. Por isto, será muito bom que o professor leia de uma só vez todas as quatro lições. Somente assim será obtida uma visão de conjunto e um preparo adequado para o mês todo.

Os comentários a esta unidade foram redigidos pelo rev. Gerson Correia de Lacerda.

Lição 6
A Música na Bíblia

Objetivos da lição

— Levar a Igreja a conhecer a importância da música entre os hebreus. A Bíblia toda é um livro repleto de hinos. Mas, como seus hinos são diferentes dos nossos, freqüentemente não os reconhecemos. Precisamos aprender a treinar os nossos ouvidos para que ouçam a música que há na Bíblia.

— Despertar os cristãos para que percebam o lugar da música no culto na perspectiva bíblica. Chamamos a atenção para o fato de que esta lição se restringe à perspectiva bíblica. O lugar da música no culto hoje será assunto somente da próxima lição.

— Definir o que é a música para a Igreja. Hoje, a música tem sido entendida como um fim em si mesma. Biblicamente, porém, a música deve ser entendida como serva. A música que só agrada os ouvidos, que só é bela esteticamente, mas não leva à adoração e nem é útil à evangelização, não tem sentido entre os cristãos.

Sugestões para o desenvolvimento da aula

1. A primeira coisa a ser feita é despertar interesse. Lembre-se que a música é entendida, freqüentemente, como assunto técnico, isto é, que só compete ao organista ou ao regente do coro. É preciso eliminar este preconceito. A música da vida da Igreja é um assunto que deve merecer a atenção de todos.

Sugerismo que, para despertamento do interesse, a classe comece discutindo a importância da música na vida do homem de hoje. Pergunte a seus alunos que influência a música tem sobre o ser humano? Quais as reações que ela provoca? Qual o espaço que ela ocupa na vida diária de cada um? Levante estes problemas e deixe a classe falar um pouco. Conduza a discussão a fim de que todos concluam que a música é uma arte que interessa a todos e que merece o nosso estudo.

2. A seguir, coloque o problema da música entre os hebreus. Para introduzir esta parte, faça um rápido comentário sobre a Bíblia como uma coleção de livros, que apresenta vários gêneros literários. Nós estamos acostumados a dizer que cada livro pertence a um certo gênero: romance, biografia, poesia, história, etc. Como a Bíblia forma um só volume, acabamos achando que ela é um só tipo de literatura. Na verdade, porém, a Bíblia é um conjunto de livros, redigido sob a inspiração de Deus, por vários autores, refletindo as características desses autores e apresentando diferentes gêneros literários.

Dentre os gêneros literários da Bíblia, os poemas e os hinos são parte de fundamental importância. Foi feito um cálculo concluindo que 60% da Bíblia é formado por prosa e 40%, por poemas e hinos.

O povo hebreu era um povo que possuía muitas festas e muitos textos sagrados. Ora, os poemas e os hinos atendiam a estas duas necessidades: os poemas e os hinos eram usados nas festas religiosas e serviam para que se decorasse mais facilmente o conteúdo dos textos sagrados.

Na abordagem do primeiro ponto da lição sugerimos que o professor peça a um aluno para que leia um dos hinos da Bíblia, que estão colocados para a leitura diária. Uma comparação pode ser feita com a forma que os nossos hinos possuem hoje.

3. Logo após, o problema do uso da música no culto deve ser verificado. Chame a atenção aqui para o fato que há mandamentos de louvor a Deus, em várias passagens bíblicas.

A função da música no culto é exatamente esta. No entanto, como a música está muito associada a "shows" de televisão, ela acaba sendo vista da mesma maneira na Igreja. Freqüentemente, hinos de louvor a Deus se transformam em números especiais para encantar o auditório. Verifique com a classe os textos bíblicos que falam do louvor no culto, especialmente Efésios 5:18-19 e Colossenses 3:16.

4. Finalmente, a última parte da lição trata do que é a música. Para estudar esta parte, peça a seus alunos que forneçam uma definição da música. Depois de deixá-los falar um pouco sobre isso, lance um novo problema: qual o efeito que a músitem sobre os sentimentos humanos? Dê, novamente, um pouco de tempo para que cada um forneça sua opinião.

Leve a classe a concluir, através destas discussões, que a música é uma arte poderosa, que tem um efeito mágico sobre os homens. Todavia, biblicamente, além de arte, a música deve ser usada para a adoração. Leia com a classe o texto de João 4:24 e peça aos alunos para fazerem uma conparação com Salmo 33:3.

5. Para terminar a aula, faça uma rápida recapitulação das conclusões e prepare a classe para o assunto do próximo domingo.

Bases bíblicas da lição

Selecionamos alguns textos que falam da música na Bíblia ou que apresentam a poesia da Bíblia:

1. Salmo 150: — Pode ser dividido em três partes. Na primeira — vers. 1 e 2 — é feito o convite para que se louve a Deus, com a justificativa de que tal louvor se deve às suas realizações. Na segunda parte — vers. 3 a 5 — uma série de instrumentos são apontados para o louvor de Deus. Esta parte merece um destaque especial. Nós nos acostumamos a usar o órgão como o único instrumento litúrgico. Muitas vezes, consideramos até como profanação o uso de outros instrumentos no templo. No entanto, o povo hebreu, que não tinha desenvolvido muitos instrumentos musicais, usava-os todos no trabalho do Senhor. A lista de instrumentos apontados no Salmo 150 não é para ser simplesmente copiada por nós. Os instrumentos aí mencionados faziam parte da cultura do povo judeu. Assim como ele tinha vários instrumentos que deveriam ser usados para o louvor, o mesmo ocorre conosco. Temos muitos instrumentos musicais que precisam ser colocados. no culto. A terceira parte do Salmo, — vers. 6 — é o seu encerramento, com a repetição do apelo para que todos louvem ao Senhor.

2. Salmo 33:3 — neste versículo, destacamos três idéias:

primeira — "entoai-lhe novo cântico". Qual o significado do termo *novo?* Note que ele aparece várias vezes na Bíblia? Será que os velhos hinos não devem ser repetidos? Veja o que um comentarista do texto sagrado explicou a respeito: "A realidade é que velhas canções que são genuínas tornam-se novas para cada homem que descobre a verdade para si mesmo. Nós necessitamos que os que cantam sejam novos, muito mais do que de novos hinos."

segunda — "tangei com arte" — Em geral, pensa-se que a arte é para ser deixada fora da Igreja. Costuma-se dizer que para Deus qualquer música serve, visto que ele olha para o coração. É certo que Deus quer adoração em espírito e verdade. Mas o salmo também exorta a que a arte seja colocada a serviço do Senhor.

terceira — "tangei com júbilo" — O fato de executar a música como um mandamento de Deus não deve impedir a alegria. O louvor não deve ser prestado como uma coisa obrigatória ou como um pesado sacrifício.

3. Lamentações 1:1-2 — Transcrevemos aqui um trabalho publicado pela

Revista de Escola Dominical da Igreja Metodista. Foi feito por um pastor (rev. José de Azevedo Guerra) que metrificou o livro de Lamentações. Veja a tradução de Almeida: — "Como jaz solitária a cidade outrora populosa! Tornou-se como viúva, a que foi grande entre as nações; princesa entre as províncias, ficou sujeita a trabalhos forçados Chora e chora de noite, e as suas lágrimas lhe correm pelas faces; não tem quem a console entre todos os que a amavam, todos os seus amigos procederam perfidamente para com ela, tornaram-se seus inimigos."

Veja agora a metrificação do rev. J.A. Guerra:

"Sentada e solitária, eis a cidade
outrora tão alegre e populosa!
Aquela que era grande entre as nações
a sua viuvez lamenta agora;
a que fora pricesa entre as províncias,
ao trabalho forçado está sujeita.
Durante a noite chora amargurada,
e pelas faces correm suas lágrimas;
entre aqueles que eram seus amantes
não se encontra sequer um que a
[conforte;
seus amigos tornaram-se aleivosos
e são agora todos inimigos."

Os dois textos apresentam o mesmo conteúdo. A diferença é que, na tradução de Almeida, nós temos dificuldade para perceber que é uma poesia. Isto ilustra como as poesias da Bíblia são diferentes. Mas devemos marcar bem: 40% da Bíblia é formado por poesia!

Lição 7
A música e sua função no culto

Objetivos da lição

— Fornecer aos membros das nossas Igrejas uma correta compreensão do que é louvor. Nem sempre um hino tem o louvor como seu conteúdo. Nem sempre o cântico de hino de louvor representa o louvor.

— Apresentar uma visão das funções da música no culto. Será que estamos usando a música para fins corretos? Será que não estamos empregando a música para preencher funções erradas?

— Conscientizar a Igreja sobre as maneiras de se louvar a Deus. A música pode ser apresentada de várias maneiras. Não é qualquer maneira que agrada a Deus.

Bases bíblicas da lição

Destacamos dois textos bíblicos para o estudo desta lição:

— *Amós 5:21 a 27* — Este texto pertence ao profeta Amós. É importante lembrar que Amós foi chamado por Deus para ser profeta numa época de muitos falsos profetas. Ele deixou o seu trabalho em Judá e começou a profetizar em Israel de uma forma diferente, o que provocou a ira dos seus contemporâneos. Ele foi aconselhado a voltar para a sua terra (Amós 7:10-17). Por que houve essa oposição a Amós? Simplesmente porque ele ousou criticar o povo em Israel. Na verdade, viveu numa época de grande progresso material em Israel Alguns indivíduos estavam se tornando muito ricos. Com isso, os cultos a Deus passaram a ser bem cuidados, bem elaborados. O povo trazia suas ofetras e seus sacrifícios. As festas religiosas eram grandiosas. Mas, ao lado disso, ocorriam muitas injustiças sociais. Os ricos exploravam os pobres. Por isso, Amós pregou que Deus desprezava as festas religiosas e não queria os sacrifícios. E o texto de Amós 5:23 diz claramente: "Afasta de mim o estrétipo de teus cânticos, porque não ouvirei a melodia das tuas iras". Esse versículo chama a atenção para um fato: o louvor a Deus tem que ser colocado no contexto da vida toda. Não existe sentido em um louvor bem cui-

dado, com muito engenho e arte, se a vida não estiver sendo, ela mesma, um hino de louvor a Deus.

— *Mateus 5:23-24* — Este texto pertence ao sermão do monte. Muita gente tem um tipo de relacionamento com Deus e outro tipo de relacionamento com o próximo. Parece que uma coisa não tem nada a ver com a outra. Jesus, porém, mostra que o relacionamento com Deus passa, primeiramente, pelo relacionamento com o próximo. Jesus ensina que, ao nos apresentarmos diante de Deus, devemos estar reconciliados com nossos irmãos. Isso se aplica também ao louvor. A mais bela letra, a melhor harmonia, o mais harmonioso conjunto coral não levam a nada se não houver vida de amor e de comunhão.

Sugestões para o desenvolvimento da aula

1. Comece sua aula recordando, em rápidas palavras, as conclusões da lição anterior. A seguir, apresente o assunto da lição de hoje. Verifique se os seus alunos leram a lição pelo menos uma vez durante a semana e se fizeram a leitura diária da Bíblia.

2. Procure despertar o interesse dos seus alunos. Pergunte a eles: qual a função que a música tem desempenhado nos cultos da Igreja local? Deixe-os dar as várias opiniões que possuem. Depois disto, coloque uma outra indagação: será que a música tem sido usada corretamente nos nossos cultos? Esta pergunta deve servir para introduzir a primeira divisão da lição.

3. O que é louvor? — Para trabalhar esta parte, sugerimos que seja apanhado o hinário que a Igreja usa, e que sejam vistos, ao acaso, alguns hinos. Verifique com os alunos quais são os hinos de louvor e quais não o são. (É comum, nos nossos cultos, o dirigente dizer: "vamos louvar a Deus com o cântico do hino..." e mencionar o número de um hino que é de confissão ou de testemunho da conversão. Isso mostra que não distinguimos os vários tipos de hinos que possuímos). Verifique ainda mais: se a classe sabe distinguir cada tipo de hino. Chame a atenção para o fato de que, no final do hinário, há um índice por assuntos e que a Igreja deve aprender a cantar o hino certo na hora certa.

4. Faça ainda uma nova experiência com o hináiro que a Igreja usa: quantos hinos são conhecidos dentre todos que o hinário contém? quais hinos são os mais cantados pela congregação local? destes que são os mais cantados, quais são os hinos que expressam realmente o louvor? Lembre-se que o autor do texto para o aluno chama a atenção para o fato de que os hinos de louvor percisam ser sempre usados. O mesmo tipo de pesquisa pode ser feito com os nossos "corinhos".

5. A partir daí, tente fazer com que a classe formule, ela mesma, uma definição do que é um hino de louvor. Faça com que a classe conclua esta parte com a idéia de que o louvor a Deus exige participação dos lábios e do coração.

6. A seguir, passe ao estudo da segunda divisão: os papéis da música no culto. O autor da lição coloca quatro papéis: impressão, associação, ensino e expressão. Verifique se a classe é capaz de dizer o significado destas quatro palavras. Depois, faça uma análise da situação concreta da igreja local sobre cada um destes pontos. Por exemplo:

impressão — quando é tocado o prelúdio pelo órgão, no início do culto, como a Igreja se comporta? Ela sente que o prelúdio já faz parte do culto e que deve haver silêncio e oração? E na oração silenciosa: há espaço realmente para a oração ou logo alguém começa a cantar impedindo a concetração na oração?

associação — como é que a Igreja canta: fazendo com que os hinos tragam

recordações ou sem prestar atenção, mecanicamente?

ensino — o que é que os hinos tem ensinado? tem sido dada atenção às letras dos corinhos? Será que muitas delas não contém ensino contrário ao da Bíblia ou simplesmente não contém ensino algum?

expressão — a Igreja tem sentido aquilo que canta? Repare se, muitas vezes, hinos vibrantes não são cantados arrastadamente, demonstrando fatla de sentimento daquilo que se canta.

7. A última divisão da lição aborda o problema das maneiras de se louvar. Use os textos bíblicos que destacamos (Amós 5:21a 27 e Mateus 5:23-24). Leve a classe a concluir que o louvor é muito mais do que a música. Devemos louvar a Deus com a própria vida.

Para concluir, faça uma recapitulação das conclusões do estudo de hoje e aponte para a lição do próximo domingo. Faça um apelo para que os alunos venham bem preparados para o estudo.

Lição 8
O ministério da música na Igreja

Objetivos da lição

1. Levar os alunos a conhecerem como era o ministério da música entre os hebreus, não por mera curiosidade histórica, mas como um desafio para o nosso próprio ministério da música hoje.

2. Conscientizar a Igreja toda de que, apesar de somente algumas pessoas se dedicarem mais especialmente à música, este é um ministério que compete a todos.

3. Despertar todos os que cuidam da música na Igreja para a visão de que o seu trabalho é, na realidade, um ministério.

Bases bíblicas da lição

Neemias 12:44-47 e 13:10-13 — Antes de tudo, é preciso situar bem o contexto histórico desses trechos. Neemias trabalhava no palácio do rei da Pérsia, Artaxerxes I, que reinou entre 465 e 424 a.C. Pouco tempo antes, Ciro, rei da Pérsia (que reinara entre 530 e 522) havia tomado a Babilônia. Lá encontrara o povo de Judá cativo e decretara a sua libertação e retorno para a Palestina. O povo de Deus retornou contente para a sua terra. E imediatamente se dispôs a reconstruir o templo do Senhor, sobe a pregação de Ageu e Zacarias. Mas as coisas não foram fáceis. Podemos até dizer que o povo que retornou a Judá não estava preparado para encontrar tantas dificuldades, o que só serviu para aumentar o desânimo geral. Ora, Neemias não havia retornado à sua terra. Continuava a trabalhar na corte da Pérsia, onde veio a saber das dificuldades que seu povo enfrentava (Neemias 1:1-11). Conseguiu então permissão para visitar sua terra (Neemias 2:1 a 12). Lá trabalhou na reedificação dos muros de Jerusalém, que serviriam para a proteção da cidade. Concluido o trabalho, voltou à Pérsia (Neemias 13:6), onde permaneceu certo tempo. Retornou novamente a Jerusalém, onde encontrou o povo vivendo ainda uma situação difícil. Foi nessa ocasião que restaurou o trabalho dos levitas (Neemias 13:10-13). Isto deve nos fazer pensar: os contemporâneos de Neemias não estavam vivendo um período de progresso e desenvolvimento; não tinham recursos econômicos para serem desperdiçados com luxos inúteis; mas, mesmo assim, "os levitas e os cantores" que trabalhavam no templo tinham que ter recursos para se dedicarem integralmente à sua obra. Neemias criticou o povo por descuidar desse ministério. Neemias contendeu com os magistrados e conseguiu que os levitas e cantores tivessem condições de executar o seu trabalho.

Sugestões para o desenvolvimento da aula

1. Para começar a aula, faça uma ligeira recordação das duas anteriores. A seguir, situe bem para os alunos o conteúdo da lição deste domingo: vamos estudar o ministério da música na Igreja de *hoje*.

2. Para despertar o interesse, faça uma análise, com a participação de todos os alunos, de como está o ministério da música na sua Igreja local. Existe um conjunto coral? Como ele funciona? Possui muitos coristas? Existe órgão, piano ou algum conjunto instrumental? etc.

3. Faça, a seguir, uma pequena comparação entre a nossa situação e a situação do ministério da música entre os hebreus. Lembre-se que o autor da lição recorda que hoje os 'diversos ministérios acabaram praticamente reduzidos ao ministério pastoral." Isso leva a concluir que, no Velho Testamento e também na Igreja Primitiva, cada um tinha uma função no culto, enquanto que hoje o pastor é, muitas vezes, o que faz tudo sozinho. Não está o pastor se transformando numa espécie de "show man"? Não é por isso que as pessoas dizem que assistem o culto ao invés de afirmarem que dele participam?

4. A seguir, proceda ao estudo do ministério da música entre os hebreus. O ministério da música nos tempos do Velho Testamento tinha três características. Se for possível, escreva as três características num quadro negro e peça aos alunos para fornecerem uma explicação do que entendem de cada uma delas. Se houver dificuldade de compreensão, proceda à leitura dos textos bíblicos indicados no texto da lição e deixe os alunos dizerem o que concluíram.

5. Depois, passe a uma análise mais profunda da nossa situação. Comece com um estudo da doutrina do sacerdócio universal dos crentes. Lembre-se que tal doutrina é básica na nossa Igreja. Herdamo-la da Reforma do século XVI e, segundo ela, não precisamos de mediadores entre Deus e os homens, além de Jesus Cristo. Em outras palavras, não precisamos de sacerdotes, visto que todos somos sacerdotes. Essa doutrina tem uma aplicação muito importante no culto. O culto é um serviço que todos os crentes prestam a Deus. Ora, qual a melhor maneira de todos participarem no culto? Foi por isso que os reformadores reintroduziram o canto congregacional no culto.

Sugerimos que o professor leve este problema para o campo prático. Discuta com os alunos qual tem sido a participação da congregação no culto. Verifique se o dirigente do culto tem estimulado a participação de todos. Veja se a classe tem sugestões para aumentar esta participação. Se tiver, encaminhe-as ao pastor. Esta será uma forma de evitar que aula da Escola Dominical seja pura teoria, tornando-se mais prática.

6. A lição apresenta a função do pastor, do diretor de música ou regente, e o organista no ministério da música na Igreja de hoje. Sugerimos aqui uma ampliação dos horizontes. Depois de apresentar e discutir o que traz o texto dos alunos, traga novas indagações para a classe. Por exemplo:

a) Por que, em geral, nos nossos cultos, só admitimos o órgão como instrumento musical? Não seria válida a adoção de outros instrumentos, mais próximos da cultura do povo brasileiro? Lembre-se que, no Velho Testamento, vários instrumentos eram usados para o louvor ao Senhor (Veja a lista do Salmo 150 só para conferir). Lembre-se também que temos vários instrumentos tipicamente brasileiros que não são normalmente usados nos nossos cultos. Por que não usá-los?
b) Qual o conteúdo das letras do nosso hinário? Quem compôs a maior parte delas e quando elas foram compostas? Veja a indicação dos

autores e do tempo em que viveram no final do hinário. Não temos muitos hinos traduzidos? Por que, em mais de 120 anos de protestantismo no Brasil, não surgiram mais hinos evangélicos de autores nacionais?

c) A grande realização em matéria de composição nacional são os chamados "corinhos". Freqüentemente são promovidos "festivais de corinhos", com uma competição entre as melhores composições. Qual a contribuição disso tudo para a hinologia nacional? Por que a contribuição não tem sido maior?

d) A "Aste" (Associação dos Seminários Teológicos Evangelísticos) lançou recentemente um livro com o título: "A canção do Senhor na terra brasileira." A obra tem, a nosso ver, duas preocupações fundamentais: utilizar ritmos mais brasileiros nos hinos e empregar letras mais de acordo com as circunstâncias de vida que enfrentamos. Veja, por exemplo, o seguinte exemplo de letra (já que não podemos dar também o exemplo da música):

Bênção da Mesa

Senhor, te damos graças porque em
volta desta mesa renova-nos a força de
lutar contra a pobreza.
Transforma a nossa gula, a nossa
sede de abastança, num novo
sentimento de justiça e de esperança.
Senhor, que os nossos pratos, numa
terra dividida, um dia se dividam
numa terra reunida.
Perdoa-nos, agora, nesta injusta
refeição, até que a terra inteira
se alimente do teu pão.

Faça uma comparação com a letra de qualquer hino tradicional das nossas celebrações de Santa Ceia.

7. Para concluir, convite cada aluno a se examinar diante de Deus, verificando o que tem feito no ministério da música.

Lição 9
O cântico e a missão da Igreja

Objetivos da lição

1. Fornecer à classe uma visão de como a música tem sido usada na história da Igreja para o cumprimento de sua missão.

2. Conscientizar a Igreja de que a música é um poderoso instrumento para a evangelização.

3. Fazer com que a classe reconheça a limitação da música na evangelização, visto que a conversão não é promovida por qualquer cântico, mas pela ação do Espírito Santo.

Bases bíblicas da lição

I Samuel 16:14 a 23 — Temos aqui um texto com alguns problemas para a interpretação. Vejamos as linhas básicas da narrativa bíblica: Saul já tinha sido ungido como rei e já tinha desagradado ao Senhor (I Samuel caps. 13, 14, 15); um espírito maligno o atormentava; mas, com a presença de Davi e o som de sua harpa, o espírito maligno se retirava dele. Há uma série de problemas que precisam ser tratados com cuidado nisto tudo: — os versículos 15 e 23 apresentam a interpretação de que um espírito maligno, enviado de Deus, atormentava a Saul. Foi esta a interpretação dos servos do rei. Nós devemos dizer, com o conhecimento que temos da Bíblia, que foi uma interpretação falsa. Deus não atormenta a ninguém, muito menos com um espírito maligno (conferir com Tiago 1:13-14);

— O versículo 23 transmite a idéia de que o toque da harpa tinha um efeito mágico, um estranho poder sobre o espírito maligno. O som da harpa expulsava o espírito maligno de Saul. Ora, não podemos atribuir tal poder à música. Seria considerá-la como tendo poder em si, quando nós cremos na música como simples serva da ação de Deus. Deus

usa a música para levar uma mensagem, mas a música em si não tem poder algum.

Como ficamos então com o texto? Ao que tudo indica, Saul estava desiquilibrado psicologicamente. Fora escolhido como rei, mas cometera graves erros. Samuel, o grande líder da época, se colocara contra ele. E, ao mesmo tempo, os problemas do reino aumentavam. Faltou a Saul uma estrutura para suportar tudo isto. A angústia tomou conta da sua vida. Foi nesta situação que a música mostrou a sua utilidade. Ao som da harpa, dedilhada por Davi, Saul se sentia melhor.

Na verdade, a música tem uma ação poderosa sobre todos nós. Ela não resolve os problemas; ela não converte; mas ela mexe com os nossos sentimentos e influencia as nossas emoções. É por isto que a música pode e deve ser usada na evangelização. Ela é um instrumento que colabora de modo eficaz com a ação do Espírito Santo.

Sugestões para o desenvolvimento da aula

1. Principie sua aula recordando as três lições anteriores. A seguir, coloque para a classe o assunto de hoje.

2. Para despertar o interese, coloque logo um problema para ser discutido. Cristo disse: Ide e Pregai. Ele não disse: Ide e Cantai. Diante disto: será que é possível termos um cristianismo sem música? Será que, na história do cristianismo houve época em que não se cantou?

3. Deixe a classe discutir um pouco. A seguir, apresente uma visão da história da Igreja e seu uso da música. Note que a primeira e a segunda partes da lição do aluno apresentam, em conjunto, um resumo do uso da música na vida da Igreja. A primeira parte fala dos tempos do Novo Testamento e a segunda, da época da Reforma até os nossos dias. Procure mostrar que sempre a música foi usada pela Igreja.

4. Depois desta rápida visão da história, focalize esta mesma história através do novo Salmos e Hinos, se possível com a música (este é o hinário recomendado pelo Supremo Concílio para uso em nossos Igrejas). Veja os seguintes hinos com a classe, reparando as características de suas letras

— hino 58 — Te Deum Laudamus — a tradução é do rev. João Gomes da Rocha, mas o hino é atribuído a um bispo do século IV da era cristã.

— hino 69 — Vós criaturas de Deus Pai — este hino é baseado no cântico do sol, de Francisco de Assis, que viveu no século XIII.

— hino 640 — Castelo Forte — Foi composto por Martinho Lutero e se transformou no hino da Reforma Protestantes do século XVI.

— hino 76 — Eis dos anjos a harmonia — hino tradicional de natal que pertence ao século XVIII.

— hino 91 — Um anjo de paz — hino cuja letra e música foram compostas por autores brasileiros ,no século XX.

5. Após esta visão histórica, discuta com a classe a seguinte colocação: "Os hinos antigos ainda podem servir para nossa inspiração, mas de um modo geral deveriam ser substituídos por hinos novos, que falem mais à realidade de nossos dias" (Revista em Marcha — 4.º trimestre de 1979). Deixe a classe falar a respeito, mas faça-a ver que o que importa é a mensagem que o hino comunica. A questão da idade é relativa. Se hinos antigos comunicam a mensagem, eles são válidos. Se hinos novos nada dizem, não há porque usá-los. O importante é que os hinos sirvam para que a Igreja cumpra a sua missão.

6. Chegamos finalmente ao último ponto da lição: É o Espírito Santo

quem converte. Para estudo desta parte, faça uma análise crítica de como o conjunto coral (ou outros conjuntos), os solistas e a Igreja toda estão cantando. Cantam em espírito de oração, preocupados em levar a mensagem ou cantam só preocupados com uma exibição técnica? Que efeitos tem produzido a música nos cultos? Têm contribuido para a edificação e para a conversão?

7. Para concluir, recapitule as lições do mês e ore com sua classe para que Deus abençoe sua Igreja no uso adequado da música.

Unidade 3

Transições na vida adulta

Esta unidade tem como objetivo trazer à reflexão de nossos alunos, a partir de uma visão bíblica, alguns problemas, algumas crises que se manifestam na vida adulta.

A nossa vida se dá dentro de alguns dramas, ela é marcada por momentos bons e outros maus, momentos de construção e momentos de destruição. A chegada de novas situações exigem alterações e mudanças. Com isso somos obrigados a abandonar antigas maneiras de viver, em troca é evidente, de novas formas de vida e de relacionamentos.

Comumente esses momentos são marcados por sofrimentos. Há uma demora em aceitarmos a nova situação. Mas por fim acabamos reorganizando a nossa vida, nem sempre dentro das mesmas bases anteriores.

A vida religiosa, como não poderia deixar de ser, reflete, de uma forma ou de outra, tais períodos de crise. Daí a importância em estudá-las, na esperança de trazer algumas orientações que nos estimulem a enfrentar essas "crises previsíveis na vida adulta".

Segundo Dr. Levinson, professor americano, cada indivíduo possui uma estrutura vital formada por períodos alternados de relativa estabilidade e fases de transição. Cada um desses períodos são pontilhados de momentos turbulentos. Quando eles ocorrem é exigido dos indivíduos uma reavaliação das formas como a vida estava anteriormente sendo vivida. Há nessa oportunidade o abandono de regras que anteriormente eram válidas.

O que esses momentos representam em termos de experiência cristã? A fé cristã poderá nos dar força e nos auxiliar na solução dessas dificuldades passageiras? São essas, algumas das questões que procuramos discutir nas próximas lições. Esperamos poder levar cada aluno à descoberta que embora mudem as "estações da vida", podemos, mesmo assim, viver contando "nossos dias de tal maneira que alcancemos um coração sábio" (Sal 90.12).

A unidade "transições na vida adulta" é formada das seguintes lições:

Lição 10: *Crise e casamento.* É um levantamento das possíveis crises que surgem em função da vida em comum, de um homem e uma mulher, diferentes entre si, mas resolutos a uma vida com objetivos comuns. Que conflitos ou crises podem surgir e como cristãos, de que forma poderemos enfrentá-los?

Lição 11: *Educação de Filhos — um Foco de Crise*? Esta é uma outra fase que pode se tornar na vida adulta, num foco propício para inúmeras crises. Quantas não são as crises que se tornam insolúveis posteriormente, por não terem sido solucionadas em tempo hábil. O conflito entre pais e filhos, antes temporário se torna permanente.

Lição 12: *A velhice*: A descoberta que envelhecemos. O confronto com a idéia que a vida é finita e iremos entrar num período de decadência acelerada, leva muitos a um desespero. É a hora em se dar um adeus a tantas ilusões. Muitos acabam no auge de um desespero sem Deus, desejando a morte. Não estão preparados para envelhecer!

Lição 13: *A morte*: Ela é o momento de uma transição do tempo para a eternidade. Como deveremos encarar a morte? De que forma podemos nos preparar, não somente para a nossa morte, mas para enfrentar a morte de nossos contemporâneos?

Talvez, nesta unidade, haja alguns temas mais difíceis de análise. O professor não deverá entretanto se desanimar diante deles. Lembre-se que quando falamos da vida, tanto podemos fazê-lo de uma forma difícil ou não, os problemas contudo existem e aguardam solução.

Os comentários para o professor foram preparados pelos irmãos: Rev. Leonildo S. Campos (introdução, lição 11 e 13); Rev. Derly do Amaral Jardim (lição 12); Margaret Novaes Brepohl (psicóloga), (lição n.º 10).

Lição 10
Crise e casamento

Objetivos da lição

— Lidar com crises no casamento como parte integrante e importante no seu aprofundamento e desenvolvimento. Crise não como um colapso do sistema, ou da instiutição casamento, mas uma possibilidade para a descoberta de seus novos significados. Um confronto entre homem e mulher capaz de produzir maior auto conhecimento e também um conhecer e melhor entender do outro, e acima de tudo a oportunidade de vislumbrar Deus se manifestando com sua graça em áreas que também querem e precisam ser redimidas — tais como nossas relações emocionais e afetivas dentro do casamento.

— Perceber novas formas de se lidar com as crises no casamento — busca por equilíbrio entre a abordagem deste como problema e também como mistério.

— Analisar alguns aspectos do casamento que podem ser desencadeadores de crise— interdependência, mutualidade, sexualidade e comunicação.

Sugestões para o desenvolvimento da aula

1. Convidar a classe a perceber e avaliar os valores narcisistas e hedonistas da sociedade moderna que enfatizam os objetivos da vida baseados na busca pelo prazer e no evitar sofrimentos, insatisfações e quaisquer tipos de crise. Tentar lembrar como os meios de comunicação — cinema, televisão, out-doors (cartazes de rua), literatura... exaltam o aqui e agora da vida sem se

ater muito ao passado, à história e sem se preocupar com perspectivas de futuro. Incentivar o grupo à reflexão de como estes valores podem estar impregnando a relação homem-mulher e sendo muitas vezes o alicerce dos casamentos em nossa época.

2. Estudar e talvez resumir, ou dar um panorama para a classe, da salvação oferecida em Cristo, contém aspectos de crise e glória, morte e ressurreição (Isaías 53; Mc. 11:1-11; Mc. 15:1-37). Lembrar também de outros exemplos tais como os de Paulo (Rom. 5:1-5; Tiago 1:2-4) que propõe a carreira cristã como um caminho que também inclue momentos de crise, provação, sofrimento.

3. Alguns modelos de desenvolvimento da personalidade humana, tais como o proposto pelo psiquiatra Erik Erikson, propõe a crise como sendo parte inerente ao próprio crescimento do ser humano passando pela *concepção, parto, destronado pelo irmão, demanda por auto controle, saindo para escola, assumindo profissão, preparo para o casamento, até a aposentadoria* e *morte.*

4. Se aprofundar em aspectos do casamento que podem ajudar na superação das crises, utilizando os textos bíblicos propostos:

Interdependência — (Isaías 30:15-16; Sl. 131:2; Sl. 42:5.11; Mt. 11:28-30).
Mutualidade — (I Co. 7:3-5; I Pedro 4:10).
Comunicação — (Cantares de Salomão 5:14-15; 7:4; Ef. 4:15).

Vocabulário

Valores narcisistas: relacionado ao termo narcisismo que vem da língua Grega. Narciso é um personagem lendário que teria se apaixonado pela própria imagem. Até hoje, quando se quer dizer de alguém que ama excessivamente a si próprio (egolatria) se diz que é um narcisista.

Valores hedonistas: Vem de hedonismo, doutrina que considera o *prazer individual e imediato* como o único bem possível, princípio e fim da vida moral.

Interdependência: dependência recíproca, que indica troca, permuta entre uma pessoa e outra.

Lição 11
Educação de filhos — um foco de crise?

Objetivo da lição

Dentro do tema da unidade: "as transições na vida adulta" estaremos estudando hoje o relacionamento entre pais e filhos como um possível foco de crises.

Não se trata portanto de um estudo somente da educação de filhos, mas queremos verificar *até que ponto a difícil arte de educar filhos pode trazer, à nossa vida adulta, pontos de tensões que podem gerar crises.*

Queremos mostrar também que tais crises *são previsíveis* e como tal *poderemos nos preparar* para enfrentá-las.

Bases bíblicas da lição

Antes que o professor analise os textos bíblicos sobre o assunto convém lembrar o ambiente em que surgiram as escrituras judaicas. A Bíblia surgiu num ambiente onde a família estava centralizada ao redor da autoridade do pai. Isto ocorre ainda em muitos lugares. Nesse contexto não há lugar para a contestação de sua autoridade. A desobediência e o desrespeito aos pais era algo incomum no mundo judaico. Daí o fato da rebeldia de Absalão que surgiu nos textos bíblicos como algo gravíssimo (2 Sam 15 e 18.33). Mesmo em questão de esco-

lha da religião familiar, cabia aos pais a última palavra (Jos. 24:15).

Sem dúvida, a vida mudou muito e com ela também a família. O pai já não detém tantos poderes como antes. A chamada família patriarcal também já desapareceu em muitos lugares. Hoje, grande parte dos lares são palco de tensões e conflitos entre pais e filhos. Eles não se entendem e isto gera crises. Esse problema é fácil de se constatar mesmo em meios cristãos.

Isto não significa no entanto que a Bíblia esteja superada. A educação cristã jamais poderá tentar substituir a Bíblia e sua mensagem por psicologias ou outras ciências humanas. Ela é o nosso ponto de partida. Como então trabalhar os textos bíblicos apresentados na lição?

O texto básico da lição de hoje é Efésios 6.1-4. Nele o apóstolo Paulo continua tratando da vida em sociedade. Nos versos que antecedem ele tratou do problema do lar cristão. No cap. 5.21 ele nos coloca algo muito significativo: "sujeitando-vos uns aos outros no temor de Cristo". É dentro desse contexto que as relações pais e filhos são abordadas pelo escritor, não somente neste texto, mas também em Col. 3:21 ("não irriteis os vossos filhos...") e em 1 Tm 3.4, onde ele nos fala sobre a questão da disciplina.

Muitos acham que os textos, principalmente do Velho Testamento terão que ser usados nesse caso com um certo cuidado, principalmente no que se refere ao castigo físico como meio de disciplina. De qualquer forma não podemos também esquecer que o V.T. recomenda "corrige o teu filho e ele te dará descanso" (Prov 29.17) e no mesmo capítulo o autor une a questão da disciplina com o problema da vara, ou do castigo físico, leia Prov 29.15).

Ao se estudar a Bíblia, o professor deverá consultar os textos da leitura diária. A um aluno pode até ser admissível que deixe de fazê-lo, mas o professor terá que consultá-los, adquirindo subsídios para a sua aula.

Meios para se atingir o objetivo da lição

1. Inicie a sua aula discutindo com seus alunos sobre a grande transição que ocorre na vida do homem ou da mulher com o casamento. Deve lembrá-los que o assunto de hoje (apresente o objetivo da lição) está relacionado com a do domingo passado.

Procure ressaltar que a vida é cheia de passagens que geram conflitos e tensões. A chegada dos filhos e a educação deles é um período da vida muito importante, mas também carregado de problemas para os quais devemos estar preparados.

2. Faça com seus alunos uma avaliação das mudanças que ocorrem na vida do casal quando da chegada dos filhos. Procurem trocar experiências sobre esse assunto. Incentive, através de perguntas os seus alunos a falarem.

3. Procure agora mostrar que os conflitos entre pais e filhos são mais dramáticos quando eles atingem a idade adolescente ou a juventude. Nessa época, diante das primeiras tentativas de libertação da tutela dos pais, surgem os conflitos mais sérios. Quais são as causas? Procure agora discutir os itens 1 e 2 da lição. Primeiro falando sobre o problema da independência total que muitos pais dão aos seus filhos antes do tempo.

Este item poderá ser discutido da seguinte forma: "o que vocês acham dos pais que dão liberdade total para os filhos fazerem o que bem entendem, sem nunca lhes dizer não? Funciona esse tipo de liberdade?".

A seguir discuta a questão do exemplo negativo que os filhos rece-

bem no lar. Cite alguns deles, lembrando-se do texto de Jos 13.15 e Tito 2.7 onde se recomenda o valor do exemplo.

4. A esta altura da aula convide seus alunos para um exame do texto de Efésios 6.1-4, que é o texto básico da lição de hoje. Faça como o autor da lição, analise versículo por versículo.

5. Na última parte da aula proponha para os alunos a questão de como poderemos prever as crises resultantes da educação de filhos e nos preparar para elas. Como pode a Igreja ajudar cada membro adulto a enfrentar e resolver satisfatoriamente essas crises. Ou então, em outras palavras, como evitar que a educação de filhos se torne um foco gerador de intermináveis tensões em nosso lar?

6. Ao terminar procure ressaltar que o período da educação dos filhos é uma fase transitória na vida. Quando eles crescem essa fase termina, daí por diante eles procurarão viver o que aprenderam conosco. Vale a pena relembrar a esta altura o texto de Prov. 22.6, relembrando que nós iremos colher o que foi plantado, "tudo quanto o homem semear, isto também ele ceifará...".

Observação: Use os temas "para pensar ou debater em classe" que estão na Revista do Aluno!

Lição 12
A velhice

Lembrete: Esta lição faz parte de uma unidade muito importante que está sendo estudada. Ela nos fala das várias transições que ocorrem na vida adulta, trazendo crises, perfeitamente previsíveis. O homem só cresce quando passa de crises em crises, quando as vê, as compreende e as supera, a fim de enfrentar uma nova, e assim sucessivamente. Vejam: da fantasia infantil o homem passa à incerteza da adolescência. Do "acho que devo fazer" da adolescência, ao "quero fazer" da maturidade. Da certeza do que quer, à urgência do "devo fazer antes que seja tarde" da velhice. Vale a pena estudar esta lição sem preconceitos.

Objetivo da lição

Eles estão claramente registrados na revista do aluno. O texto tenta nos levar a pensar sobre dois problemas básicos e sérios que dizem respeito a toda problemática que envolve a velhice: estamos preparados para enfrentar a velhice? e como estamos tratando nosso velho, como estamos demonstrando amor ao nosso próximo idoso?

Bases bíblicas da lição

Todos os textos indicados para a leitura semanal deverão ser lidos e mencionados na exposição da aula, apesar da lição possuir basicamente dois textos centrais.

Tanto o salmo 90 como Isaías 40, em particular os versos, 28 a 31, falam da precariedade, da transitoriedade da vida e da necessidade do ser humano viver em constante dependência de Deus. Todos sabemos que a vida é breve como a primavera e que logo, muitos mais rápido do que queremos ou esperamos, vem o inverno (Ecl. 3.1-8). É preciso remir o tempo para que o ser humano alcance uma vida feliz. É somente através da dependência, da obediência, da submissão, do arrependimento, da dedicação, da comunhão do homem para com Deus que essa felicidade virá.

O professor deverá também verificar os versículos que nos falam de como os hebreus tratavam os seus idosos.

Possíveis auxílios

Citamos algumas "dicas" extraídas do texto, que poderão se tornar em

pegadas que ajudarão o professor em sua caminhada, se forem ventiladas junto a classe.

— A velhice é um período natural da vida do ser humano que acontece sem que haja uma data que determine seu início. Tudo envelhece!

— A IPI do Brasil tem um papel importante a exercer para com os "seus velhos".

— O ser humano envelhece dentro de um contexto social e é tratado pelos demais de acordo com a maneira de viver do grupo (ou de seu 'modus operandis"). Esse peso cultural não pode ser esquecido. Em muitos casos ele é forjado e imposto na modelagem de uma sociedade em prol de interesses da ideologia vigente. Em outros casos, os costumes do grupo social tratam de determinar o ritual a ser seguido por todos os pertencentes daquele grupo. Quem não se submete a eles, é isolado do grupo. Na nossa sociedade há preconceitos para com os idosos? Quem impõe esse preconceito? A quem interessa a manutenção desse preconceito?

— No contexto bíblico, o "velho" tem um papel preponderante. Ele é visto como alguém muito importante, que tem um espaço a ocupar em nosso meio e merecendo assim o nosso amor e respeito.

— Como conseqüência da urbanização e da industrialização surgiu um tratamento desumano para com os velhos. A sociedade só pensa no lucro. A mão-de-obra interessa apenas à medida em que é produtiva. A lei do lucro a qualquer preço é a maior lei do capitalismo.

Informações que podem enriquecer a aula

— O Inst. Brasileiro de Geografia e e Estatística — IBGE, levantou os seguintes dados: em 1960 havia 3,2 milhões de pessoas com mais de 65 anos no Brasil. Em 1980 o número de idosos dobrou, foi para 7,8 milhões.

— Em porcentagens poderíamos dizer o seguinte:

1960 — 2,7% da população brasileira tinha mais de 65 anos. 1970 — 3,1%, em 1980 — 4,3% da população. Isso mostra que hoje temos mais idosos que antes. Daí o surgimento de tantas entidades para "cuidar de idosos".

— Uma pesquisa feita por um médico francês, entre velhos sadios recolhidos a um asilo concluiu que de cada 100, 8% morrem dentro dos primeiros dias; 28% morrem no final do primeiro mês; 45% morrem no final dos primeiros 6 meses; 54% morrem ao final do primeiro ano; 65% morrem ao final do segundo ano. Sobram 35% que irão sobreviver entre o abandono, segregação, decadência e demência, até a morte.

— A Presidente da L.B.A. (Legião Brasileira de Assistência), diz que muitos familiares chegam a internar idosos em asilos com nomes e endereços falsos, para não mais serem localizados; de medo de receberem de volta seus velhos!

— Dizem as estatísticas que o suicídio entre velhos é alto nos países mais desenvolvidos. Diante do declínio físico e mental, solidão, ociosidade, inadaptação e doenças, eles provocam a própria morte. A religião se colocada em prática, como uma fé cristã vigorosa, não poderia ser a solução para esses casos? Como colocá-la em prática?

Sugestões para o esboço da aula

O assunto estudado nesta lição é muito palpitante. Muitos tem inúmeras experiências a respeito da velhice e gostariam de participar. O professor não

deverá evitar essa participação, mas deverá também controlar as participações, pois se a aula não for bem dirigida os alunos se perderão em discussões diversas e fugirão dos objetivos da lição.

1. Retome com seus alunos os objetivos da lição.

2. Se houve oportunidade de dividir os seus alunos entre as tarefas distribuídas na semana passada, seria o momento, após a apresentação dos objetivos, de ouvir o relatório e a partir deles discutir a lição.

3. Se houver espaço suficiente poderia separar a sua classe em grupos pequenos, de 4 ou 5 pessoas, dando a eles 15 minutos para discutirem a lição, antes de fazer um debate geral, seria formidável.

4. Para o debate provoque a classe com as questões que constam no final da lição do aluno. Poderá usar as "informações que poderão enriquecer a sua aula" para ilustrar os casos.

5. Nos últimos 5 ou 10 minutos de aulas procure verificar se as duas perguntas básicas foram respondidas, isto é, que decisões serão tomadas para, ou melhorar a situação dos idosos, ou que signifique um melhor preparo para enfrentar as crises da velhice. Mostre que as crises podem ser previstas e conseqüentemente poderemos prepararmo-nos espiritualmente para enfrentá-la.

6. Ao encerrar procure mostrar aos alunos que o tema do próximo domingo, "*a morte*", está de um certo modo ligado ao de hoje. Não permita portanto que entrem antecipadamente no assunto da próxima aula.

O que o professor poderá ler sobre o assunto

Se quiser saber mais sobre o assunto poderá ler:

1. E. Mira y Lopez *A Arte de Envelhecer,* Civilização Brasileira, 1966.

2. Simone de Beauvoir, *A Velhice — A Realidade Incômoda* e *As Relações com o Mundo,* 2 vols.) DIFEL, S. Paulo, 1970.

Lição 13
A morte

Continuamos hoje com o nosso estudo sobre as transições na vida adulta. Neles estamos tentando localizar as fontes geradoras de crises na vida adulta. O nosso objetivo é apontar esses focos, mostrar que essas crises são previsíveis, e conseqüentemente podemos nos preparar para enfrentá-las.

A morte é sem dúvida a maior fonte de preocupação para o homem. "A ansiedade do destino e da morte é a mais básica, mais universal e irreparável" de todas elas. A ansiedade da morte "ofusca todas as ansiedades concretas e lhes dá sua seriedade básica". Ela está presente em cada momento, dentro da existência humana" (Tillich, *A Coragem de Ser*', pg. 31).

Objetivo da lição

O objetivo desta lição é trazer à luz do dia, para perto de nós a discussão sobre a morte e o morrer. Estaremos assim, tentando quebrar um tabú, desobedecendo os mecanismos que habilmente construímos para dissimular esse fato tido como tão desagradável.

Quais as crises que nascem em nossa vida quando nos conscientizamos dela? De que forma devemos viver? Esquecendo-nos dela ou estando sempre preparados para ela?

Bases bíblicas da lição

Ao analisarmos os textos bíblicos relacionados com o assunto, é preciso que percebemos que a morte somente passou a ser compreendida como a porta de entrada para a vida eterna, apenas nos tempos do Novo Testamento. Os antigos israelitas procuravam viver cada dia e se possível pro-

longar os seus dias ao máximo (como vimos na aula passada), não se preocupando com a vida após a vida.

Mesmo assim o Velho Testamento está repleto de textos que fazem referência à morte. Logo no primeiro livro (Gênesis) ela é apresentada como fruto da desobediência e do pecado (Gen 3.3-4, 19).

Como cristãos deveremos examinar a morte a partir do evento Cristo. (Ele é o centro e deve ser de qualquer reflexão, sobre qualquer assunto, isto porque somos cristocêntricos, isto é, temos Cristo como o centro de nossas preocupações.) Através Dele, na feliz expressão de Paulo, a morte foi derrotada (1 Cor 15.54-55). No Apocalipse a nova cidade é apresentada como o lugar onde não mais haverá a morte e nenhuma de suas companhias; o pranto, o luto e a dor, (Apc 21.4).

O Cristão não vive portanto, apenas em função do além, mas vive no aqui e agora, experimentando, é claro, desde já, a presença iluminadora de Cristo. Relembremos com o Rev. Epaminondas Mello do Amaral: "A religião possue duas faces: Uma voltada para o além, outra face que nos fala do presente e aponta os deveres da terra". A religião integral é a vida eterna encarnada na vida presente" conclui o saudoso pastor de nossa Igreja.

Os textos bíblicos, citados na lição nos apontam para uma vida cristã madura, sem extremismos em relação a morte, procurando mostrar que a vida, cheia de plenitude, poderá ser descoberta a partir da morte.

Meios para se atingir os objetivos

1. Esta é a última lição da unidade "transições na vida adulta". Comece a sua aula recordando com seus alunos as 3 lições anteriores. Faça a ligação delas com o tema da unidade e com a lição de hoje sobre a morte.

2. Feito isso, discuta com seus alunos sobre: por que não gostamos de falar sobre a morte? Qual é o motivo de em nossa sociedade termos vergonha da morte? Por que procurar esconder o morto, às vezes até retocar a sua aparência, para fazer de "conta que está dormindo"? Por que não queremos a presença de crianças? Por que procuramos esconder de um doente "desenganado" que dentro de alguns dias vai morrer?

Caberia, nesta discussão, notar que o homem moderno procura expurgar a morte e todos os sinais dela, do meio de sua vida. Estaria assim tentando esquecer que ele é um ser finito, cujo corpo está destinado ao pó e seu espírito a Deus (Ecl 12.7)?

3. Poderá a seguir discutir sobre como era a morte encarada entre os antigos judeus e depois no Novo Testamento. (Para isso use "bases bíblicas da lição"). Lembre-se de falar sobre a ressurreição de Jesus como garantia para a nossa ressurreição.

4. Após essa volta à Bíblia procure colocar o item III da lição (as atitudes extremistas em relação a morte").

5. A esta altura a classe estará em condições de apreciar a 4.ª parte "descobrindo a vida a partir da morte".

6. Conclua a lição convidando a todos para encararem a morte a partir de um outro ponto de vista, não com desespero, mas como sendo ela um ponto de ligação de duas esferas — *o aqui,* onde vivemos pela graça de Deus, com o *além,* onde ocuparemos as "moradas" prometidas por Jesus (Jo 14.2).

Se houver oportunidade procure apresentar, seguindo a sugestão do autor, outros temas citados na conclusão da lição. Todos eles são significativos, mas pode ter certeza que 45 minutos de aula será muito pouco para falar sobre um assunto tão vasto!

Unidade 4

Problemas éticos contemporâneos

O mês de abril é dedicado em nosso calendário eclesiástico ao Seminário. As lições do mês foram escritas por alunos do Curso de Ética do Seminário de São Paulo, sob coordenação do professor da cadeira, Rev. Leontino Farias dos Santos. Constitui-se dessa forma numa homenagem e na abertura de espaço para que o Seminário seja, como deveria ser, o centro de reflexão, a partir do qual a Igreja elabora o seu pensamento.

O tema proposto ao debate é um dos mais apaixonantes. O cristão é por natureza alguém preocupado em transformar o mundo com a pregação do Evangelho. O mandamento implícito em Rom 12.1 nos aponta o caminho do inconformismo e da renovação. O cristão olha portanto, para o mundo que o rodeia, com seus problemas terríveis em conseqüência do pecado, com um misto de espanto e ao mesmo tempo de esperança. Espanto diante do grau de aberração atingido pelo homem no nosso século, esperança porque ele vê, em Cristo, a solução para tais problemas.

Procuramos arrolar neste mês quatro problemas, que entre tantos outros, se constituem em desafios para a pregação da Igreja e para o comportamento dos cristãos.

O primeiro deles é o problema do *alcoolismo*. Este não é apenas um problema individual, como alguém poderá pensar. Ele envolve o sofrimento de outras pessoas, juntamente com o alcóolatra. Qual é a solução: abstinência ou temperança? O que pode ser feito pelas vítimas desse terrível mal?

O segundo problema a ser encarado é o uso de *drogas*. Trata-se de um problema sério, principalmente nos meios urbanos. Há em certos lugares até crianças recém-chegadas a Escola Primária, que por influência de traficantes, se tornam viciadas. Alguns grupos cristãos tem procurado trabalhar na recuperação de viciados em drogas. Há vasta literatura sobre o assunto.

O terceiro problema também é muito importante: a *prostituição*. É um dos mais antigos males a atingir a humanidade. O Exército de Salvação tem desenvolvido interessante trabalho de recuperação e assistência a jovens, ou envolvidas na prostituição ou que correm o risco de serem atingidas.

Na última lição do mês iremos estudar o problema dos *"crimes contra o bem comum"*. No Brasil de hoje são muitos. Eles envolvem desde a corrupção (uso do dinheiro do povo, recolhidos através de impostos) até a poluição dos rios e destruição dos recursos naturais. Isso tem algo a ver com a nossa fé? É justamente para provar a veracidade dessa colocação que essa lição foi escrita.

A unidade deste mês exigirá constantemente a repetição da pergunta básica: *o que eu, como cristão, seguidor de Jesus Cristo, tenho a ver com esse problema?* Será bom que o professor levante constantemente para seus alunos essa pergunta. Ela irá unir as discussões e fecundar as reflexões. Não se trata de discutir o problema em si. *É preciso descobrir o que podemos fazer como Igreja para libertar os homens de seus vícios e pecados!*

Os comentários a esta unidade ficaram sob responsabilidade do Rev. Leontino Farias dos Santos, professor de Ética de nosso Seminário. Os textos produzidos pelos alunos devem servir de provocações para a nossa reflexão hoje.

Recomendamos entre outros a leitura de "Fé Bíblica e Ética Social" de Gardner, publicado pela ASTE ou "La Ética num Contexto Cristiano" de Paul Lehmann. Há contudo inúmeros livros sobre o assunto.

Rev. Leonildo Silveira Campos.

Lição 14
Alcoolismo

Objetivos da lição

1. Saber o que é o alcoolismo.
2. Identificar as principais causas do alcoolismo.
3. Alertar contra os perigos e mau uso do álcool.
4. Reconhecer nossa responsabilidade na tentativa de minimizar o problema.
5. Saber o que diz a Palavra de Deus.

Idéia central da lição

Estudar este assunto significa procurar conhecer sobre sua origem, natureza e influência na sociedade, sem omitir as causas que o provocam. Em se tratando de um problema antigo e atual, interessa-nos não apenas saber o que e porque de sua existência, mas principalmente *como fazer* para vê-lo minimizado. Naturalmente que problemas existenciais estão implícitos. Por que o homem bebe? Por que é um "sem vergonha"? Por que é um irresponsável? Ou por que é um responsável?

Bases bíblicas da lição

Nos textos de São Paulo, tanto em sua carta aos Coríntios, como em sua carta aos Gálatas temos na primeira que o apóstolo nos fala sobre o uso da liberdade e a necessidade de nos disciplinarmos. É verdade que o alcoolismo é um mal que acontece na vida do homem na tentativa de fugir dos problemas comuns da existência. Todavia, há um apelo à maturidade. Apesar das tensões que nos angustiam é preciso que a razão seja usada. No texto aos Gálatas há um apelo no sentido de que nos deixemos orientar pelo Espírito de Deus. Devemos ter cuidado com os desejos de nossa natureza.

Assim, no que pese as causas geradoras do alcoolismo, precisamos ter consciência do que é realmente bom para a vida humana, pois "todos as coisas são lícitas mas nem todas edificam".

Como atingir os objetivos da lição?

É bom começar dizendo o que é o alcoolismo.

Alcoolismo, de álcool, do árabe "ALKUL", antimonio reduzido a pó, utilizado pelas mulheres árabes para pintarem as pálpebras. É a intoxicação aguda ou crônica, provocada pela ingestão de bebidas alcoólicas.

Ninguém pode dizer com certeza quando o homem pela primeira vez inventou a bebida alcoólica, nem com precisão, que fatores contribuíram para que tomasse gosto pelo álcool. Todavia, é certo que o álcool tem atravessado milênios como "líquido mágico", "nec-

tar dos deuses", a panacéia para os mais diferentes males.

Às bebidas alcoólicas *são atribuídas* as mais diferentes propriedades: corta gripes e resfriados, reconforta, estimula, é musa inspiradora, fez esquecer a derrota do time, faz jus a alegria da vitória, faz esquecer as dívidas, a mulher infiel, o filho desobediente. Na verdade, há folclore e mito sobre o álcool. Seus efeitos tanto liberam e tranqüilizam como escravisam e agitam os viciados.

Há quem diga que o álcool é, para a sociedade, mais perigoso que a maconha, a heroína e outros, isto porque, sendo uma droga narcótica e depressiva, é abertamente usada e aceita no mundo todo. No Brasil, segundo pesquisas feitas pela Clínica de Psiquiatria do Hospital do Servidor Público de São Paulo, o alcoolismo é o principal problema da toxicomania, com 98% dos casos.

Por que o homem bebe?

As causas são várias. Entre as principais podemos dizer que o homem bebe porque problemas como a insegurança, a timidez, o medo o deprimem como pessoa e o levam à fuga, sendo o álcool uma das alternativas, um dos meios para descarregar as tensões.

Todavia, é importante saber a razão dessas tensões. Numa sociedade nitidamente dividida em classes, os indivíduos se batem uns contra os outros na luta por um espaço que lhe garanta segurança e estabilidade. Na luta pela sobrevivência numa sociedade consumista e de grandes desigualdades econômicas (inflação, salários baixos, desemprego, falta de moradia, falta de assistência médica e outros), os indivíduos buscam uma saída, ainda que ilusória.

Os meios de comunicação de massa, principalmente, a televisão e o rádio, são os principais agentes de propaganda das bebidas alcoólicas como meio de esquecer os problemas da vida e o s cesso esperado que não veio. Assi reconhecemos todos que o homem ne sempre bebe porque é um irresponsáv mas até porque se sente responsáv pelo aluguel da casa, pelo pão dos f lhos, pela saúde da família, etc., e nã vê como atender a essas necessidad com o baixo salário que receba no fin do mês.

Naturalmente que esta não é saída para a solução dos problemas d vida, como também nem todos beber por que têm dificuldades econômica orinudas dos desajustes sociais. Mas nã deixa de ser algo em que se deva pensar

Como vivemos em uma sociedad em que o homem está mais preocupad em *ter* do que *ser,* é comum perceber mos a revolta *dos que não têm,* de acordo com as propostas consumistas d nossa sociedade. Na verdade, os valore estão invertidos. Valoriza-se mais a beleza, a glória, a fama, o dinheiro e menos o amor, a justiça, a humildade. Por isso, beber tem sido uma maneira de esquecer a beleza, a glória e o dinheiro que não se tem.

Um outro dado importante é que o homem tem sérios problemas consigo mesmo e com o mundo. Muitos não se aceitam como são ou não aceitam o mundo como ele é. Vive-se entre dois mundos: o mundo de si mesmo e o mundo dos outros. Há uma crise no homem por não ser o mesmo nos dois mundos. Por isso a bebida, que libere o homem de si mesmo, momentaneamente, revela aos outros como ele gostaria de ser no mundo: grita, chora, dá risadas, age como criança, fica violento, assumindo atitudes estranhas ao mundo dos outros, porém, peculiares ao seu próprio mundo.

Desta forma, pode-se perceber porque o alcoolismo é ao mesmo tempo um problema antigo e atual. Na verdade, ele tem sido uma das alternativas de fuga para o homem, na luta pelo existir no mundo.

Como resolver o problema?

Aqui o professor pode discutir com a classe sobre o ponto de vista bíblico a respeito do problema. É importante, porém, estar avisado do perigo de cair num biblicismo vulgar, isto é, a repetição de pessagens da Bíblia sem a devida e consciente interpretação, na maioria das vezes correndo o risco de dizer o que não está no texto nem no contexto.

O alcoolismo é sempre um mal e cada um de nós tem uma parcela de responsabilidade em relação ao problema. Analisando as causas, sentimos que o discurso, a palavra de aconselhamento, os insistentes apelos não serão capazes de resolver uma situação que tem implicações tão profundas! Deus espera que cada um de nós dê a sua contribuição ao lutar por um mundo mais humano e justo no qual as pessoas se sintam bem, ainda que sujeitas a dificuldades fortalecidos pela esperança.

— Tendo em vista um melhor envolvimento da classe o professor pode propor para reflexão e discussão pelos alunos, o seguinte:

a) O que podemos fazer de prático para minimizar o problema e seus efeitos em nossa sociedade?

b) O que tem a fé cristã a dizer sobre o assunto?

c) Até que ponto somos responsáveis pelo desejo de fuga que caracteriza o mundo moderno?

Lição 15
Drogas

Objetivos da lição

1. Saber o que significa falar de "Drogas" na sociedade moderna;
2. Saber porque a juventude é a principal vítima das drogas;
3. Reconhecer o que temos e não temos feito para solucionar o problema;
4. Discutir sobre o que a Igreja pode fazer, em termos práticos, tendo em vista a eliminação das principais causas da toxicomania.

Idéia central da lição

Ninguém desconhece que na sociedade moderna, principalmente a juventude está ameaçada pelo inferno das drogas. O vício e o tráfico de entorpecentes são duas realidades incontestáveis. Diante disso faz-se necessário que os crentes em Cristo se posicionem e saibam melhor, não apenas sobre as causas, natureza e conseqüências do problema, mas também reconheçam que a solução pode estar na própria casa.

Bases bíblicas da lição

O texto de Gênesis nos surpreende e modernamente até nos ofende com a pergunta: "Onde está teu irmão?" (Gen. 4:9). E a resposta de Caim tem sido a nossa resposta: "Acaso sou eu guardador de meu irmão?"

Neste estudo sobre drogas restanos o grande desafio de assumir a guarda, a tutela do nosso irmão. Diante de Deus teremos que prestar contas, teremos que responder. Atualmente não encontramos tempo nem lugar para dedicar nosso calor humano àquele que está ao nosso lado.

O viciado em drogas é um carente de afeto, de companhia. Como o levita e o sacerdote, a Igreja tem passado de largo (Lc. 10:31,32) porque não lhe sobra tempo para ouvir os clamores e curar as dores dos caídos à beira do caminho. O jovem viciado clama de alguma forma, por socorro. Seus gritos de dor e de horror precisam ser ouvidos em nossos templos, em nossas reuniões piedosas, em nossas "festas solenes", na intimidade de nossos lares.

Falar de drogas é falar de um mundo carente de amor e de justiça. Deus espera que cada um de nós não se omita em relação ao próximo. Afinal, somos os guardadores do nosso ir-

mão, por isso não nos deve faltar misericórdia e compaixão na práxis do verdadeiro amor.

Meios para atingir os objetivos da lição

O professor pode começar a aula dando uma idéia geral das pricipais drogas usadas pela juventude. As mais usadas são: maconha, morfina, cocaína, anfetaminas e LSD. Diante da dificuldade de se conseguir estas drogas, muitos usam outros meios tais como cheirar cola de sapato, chá de cogumelo e até bolinhas de naftalina.

A maconha, de modo geral, vem em forma de cigarros. Seu efeito é de um estimulante. Seu uso contínuo produz sonolência e inconsciência. O LSD, de elevada sensibilidade, proporciona ao viciado cores e outros estímulos. A heroína, à base de morfina é devastadora e escravizadora, produzindo graves efeitos psicológicos e fisiológicos. De um modo geral, as drogas são perigosas porque causam dependência e comprometem o organismo e a vida do homem.

Por que tornou-se freqüente o uso das drogas?

Aqui o professor deve relacionar as principais causas e no final sugerir que a classe aponte algumas outras.

Causas do uso das drogas: a exemplo do que acontece no alcoolismo, o vício das drogas está de igual modo ligado à necessidade de fuga que o homem tem, diante de uma vida que lhe parece insuportável. Assim, sem realização pessoal, sem satisfação interior, sem meta definida, entediado e decepcionado, principalmente o jovem, procura a droga.

Essa falta de realização pessoal e essa certeza de vazio que gera a ansiedade, porém, não é o resultado do acaso. Na verdade, há fatores que respondem por isso. Citamos a princípio o problema dos desajustes sociais que atingem frontalmente a família. Esta enfrenta os grandes problemas de uma sociedade injusta, violenta e cruel. Pr blemas econômicos (má distribuição d rendas, inflação, salários irrisórios, d semprego, falta de assistência médica outros) crises de pensamento, conturb ções políticas e outros estão afetando família e comprometendo o relacion mento entre os seus membros. Pais filhos estão abandonados, isolados, v vendo sob o mesmo teto mas num mu do sem diálogo.

Alguns entendem que a falta d afeto na infância é mais prejudicial qu a falta de alimento. Em nossos lar quase não há mais lugar nem temp para o carinho e o afeto. As coisa estão ficando tão estranhas que há f lhos que, inclusive, têm vergonha d ser abraçados e beijados pelos pais e público. Essa situação de instabilidad emocional, de insegurança, de timide de medo do presente e do futuro, natu ralmente que tem tido grande influênci na decisão do jovem pelo mundo nov e colorido das drogas.

O que temos feito pela juventude?

Na verdade, pouco tem sido feito Por um lado porque muitos jovens depois dos 15 ou 16 anos abandonam a Igreja. Nosso dogmatismo e intolerância religiosos expulsam os moços cheios de dúvidas, revoltas e carências. Ainda há Igrejas que não admitem moços barbudos e cabeludos com suas atitudes a princípio, pouco reverentes.

Por outro lado, não existe em nossas igrejas um programa bem orientado que permita tratar com seriedade os problemas existenciais que afetam o jovem. Geralmente os temas vitais da juventude têm sido tratados de maneira muito angelical. Também um programa de vanguarda dirigido aos viciados não existe. Na verdade, há muita preocupação com a alma e quase nenhuma com o corpo. Este é desprezado e ignorado pela Igreja. Jesus veio salvar o homem todo. E o corpo é "o templo do Espírito Santo."

O que podemos fazer como igreja

Ninguém tem a fórmula certa. Todavia, seria interessante que o professor discutisse com os alunos sobre as possíveis atitudes que poderiam ser tomadas.

Que acha de uma reavaliação de vida? Seria bom que todos pudessem ver que de alguma maneira somos todos responsáveis pela vida do outro. Examinar-se a si mesmo é uma boa idéia. Compreender-se e compreender o outro, ajudando-o também a compreender-se em meio às crises de cada dia.

Nem todo caso é de polícia. Às vezes os pais ficam desesperados diante da realidade do problema. Tem-se pensado, erradamente que se trata de um caso policial. Nenhum país o resolverá com a repressão, uma vez que se trata de um problema existencial que deve ser considerado com seriedade, com profundidade, tendo em vista o amparo moral e espiritual das vítimas.

À Igreja cabe o papel desafiador de lembrar aos homens sua responsabilidade sobre o outro, mas não apenas lembrar, como também responsabilizar todo tipo de estrutura que de alguma forma esteja contribuindo para a degeneração moral da juventude. Cabe à Igreja denunciar as forças de opressão que agem disfarçadamente através dos meios de comunicação, anunciando sucesso e prazer, num mundo de miséria e sofrimento, gerando assim o desejo e, na impossibilidade de satisfazê-lo, a procura da fuga para um mundo de cores que não existem, num inferno de emoções e alucinações sem precedentes.

Lição 16
Prostituição

Objetivos da lição

— Identificar a prostituição como um problema antigo e desafiador presente nos textos do Velho e do Novo Testamento;
— Reconhecer as principais causas da prostituição;
— Identificar os diversos tipos de prostituição;
— Descobrir o papel da Igreja diante da realidade de tal problema no mundo;
— Relembrar nossa responsabilidade como cristãos, no contexto da missão de Deus, tendo em vista a redenção dos perdidos.

Idéia central da lição

O assunto em pauta é um dos mais sérios problemas da sociedade humana, tanto no passado como no presente. A Igreja como serva de Deus no mundo, não pode ignorar sua responsabilidade, nem deixar de perceber sua culpa, sua omissão. Neste estudo, portanto somos desafiados a discutir sobre as causas, natureza e conseqüências da prostituição. O professor deve abordar o assunto com humildade e sem falso moralismo, atento as instruções da Bíblia, lida e analisada em seu contexto.

Bases bíblicas da lição

O texto sobre a mulher adúltera nos deixa ver a posição de Cristo sobre um dos tipos de prostituição: o adultério. O judeu caracterizava o adultério como sendo o encontro sexual de um homem e uma mulher fora do casamento (relações pré-maritais ou extramaritais). Jesus viu mais que isso. Para Ele, adultério não é apenas o que pratica um ato sexual ilícito, mas também todo aquele que olha uma mulher com olhos impuros já adulterou (Mt. 5:27, 28). Desta forma não podemos dizer como o fariseu: "não sou como os demais". Daí a conclusão de Jesus "quem não tiver pecado atire a primeira pedra." Assim, funcionava a lei da consciência, pois todos se retiraram sem atirar pedra alguma, uma vez que de alguma forma todos também eram adúlteros. Eis a importância da palavra de

São Paulo: "quem está em pé veja, não caia".

Um outro importante texto sobre a prostituição é o que mostra o encontro de Jesus com Maria Madalena. Nele aprendemos sobre o interesse do Mestre pela salvação de uma mulher pecadora". Nessa atitude de Jesus aprendemos: a) Não se afasta da mulher por serpecadora, nem rejeita sua adoração. b) Valoriza e se interessa pela vida de qualquer um, ainda que aparentemente desprezível perante a sociedade dando a chance de novo viver. c) Jesus apresenta-se como o que vem para ensinar, para salvar e não para condenar. d) Demonstra não ter preconceitos em relação aos pecados, pois "os sãos não precisam de médico e sim os doentes."

Diante do acima exposto somos desafiados a: 1) Reconhecer que embora os prostituídos (homens ou mulheres) estejam longe de Deus, foram feitos "a sua imagem e semelhança", razão pela qual devemos lutar pela sua recuperação; 2) Reconhecer que a nossa missão não é condenar ou apontar erros dos prostituídos, mas ajudá-los a encontrar "o caminho". Cristo, pois o Salvador é Ele; 3) Admitir que temos sido muitas vezes, obstáculos para a adoração dos prostituídos, impedindo-os até de freqüentarem nossos cultos.

Meios para atingir os objetivos da lição

Oferecemos ao professor alguns subsídios que podem ajudar a enriquecer o texto do aluno. Assim, pode-se começar a aula: a) Fazendo, o título de introdução, uma análise sobre o sentido etmológico das palavras prostituir e meritrício. Prostituir é a palavra composta de pro"antes", "diante de" e statuo "colocar", gerando, desta forma o sentido de "expor", "colocar diante de".

A palavra meretrício, utilizada como sinônimo de prostituição, vem do latim "meretrix", do verbo "mereo" = merecer", "ganhar", "fazer-se pagar".

b) Mostrando que a prostituiçã um problema antigo, entre os bab nios, hindus, fenícios, cananeus e outr a prostituição era conhecida como u atividade reconhecida e respeitada, tando mesmo ligada à religião, da fenômeno conhecido como "prosti ção sagrada". Tal forma religiosa fa jus à idéia de que os fenômenos natur da agricultura, como a chuva cain na terra para produzir a subsistên do homem; a descoberta do ara (princípio masculino) que fende a t ra (princípio feminino), caracteriza o ato sexual. Veja-se, portanto o cu da fertilidade.

c) Mostrando que a prostituiç tornou-se um bem de consumo da s ciedade em que vivemos. Na Améri Latina, por exemplo, existem "mec nismos de exploração" que fabricam exploram o comércio da prostituiçã no qual estão envolvidos homens e m lheres, menores e adultos. Um exempl tráfico de mulheres, jornais oferece oportunidades para moças de boa ap rência "para subir na vida" participar do de shows, teatro, tv. Depois de qu lificadas são levadas para outros E tados e para o exterior. Nas estaçõe rodoviarias, ferroviarias e aeroportô das cidades grandes as mais visadas sã as moças que vêm do interior e soz nhas. Homens "distintos" ou mulhere "de fino trato" se apresentam muita vezes para oferecer seus préstimos: alo jamento, emprego, roteiro de passeios e etc. O final pode ser a prostituição.

Em seguida o professor pode dis cutir com a classe sobre as causas de prostituição. Acrescente às causas que aparecem no texto do aluno, a "moral burguesa" que fabrica prostitutas das moças que ficam grávidas fora do casamento. As moças ficam grávidas, depois são rejeitadas e finalmente prostituídas pela mesma sociedade permissiva e libertina.

Finalmente, sugerimos o texto abaixo, de autoria do acadêmico em

teologia René Mário Aracena Ramirez, para reflexão final com os alunos.

"As soluções apresentadas pelo poder público para o problema da prostituição no Brasil, são:

1. A regulamentação, que institui leis que regulam a legalizam o comércio das prostitutas (mulheres exploradas), centralizando-as em casas ou bairros delimitadas; fichando-as para controle sanitário, afim de garantir a saúde, o "pudor" e a ordem pública.

2. A abolição da prostituição do comércio organizado, não visando propriamente a prostituição em si, mas a exploração que se faz dela por meio dos comerciantes do sexo, etc...

3. A proibição da prostituição considerada como crise social, devido à contaminação e difusão de doenças venéreas. Neste ponto entra a chamada "repressão policial".

Pode-se perceber facilmente que estas "soluções" se preocupam essencialmente com a prostituição como efeito, e seus resultados, mas não com as causas que a provocam.

No Brasil, são aproximadamente 50.000 jovens por anos que se tornam prostitutas. A verdadeira solução está em eliminar os efeitos ou as causas?

Diante do fato real da prostituição como "escravidão moderna", como devem ser interpretados os seguintes textos:

a) Is. 61.1,2 e Lc. 4.18,19 à luz da salvação em Jesus Cristo?
b) Is. 1.17; Mt. 5.10-12; Mc. 16.15 e Tg. 4.17 à luz da missão da Igreja de Cristo, como seu corpo atuante neste mundo?

Lição 17
Crimes contra o bem comum

Objetivos da lição

— Saber o que é bem comum.
— Saber quais são os bens comuns de nossa sociedade.
— Saber quais são os crimes contra o bem comum.
— Saber quais são as implicações da má utilização do bem comum.
— Saber o que dizem as Escrituras sobre os crimes contra o bem comum.
— Reconhecer como Igreja, nosso papel, diante das contradições, desvios e abusos do mundo.
— Reconhecer nosso dever de denunciar todo e qualquer tipo de exploração que ponha em risco a dignidade e a vida do homem do mundo.

Idéia central da lição

Ao discutirmos este assunto estivemos pondo em pauta o problema da responsabilidade do homem diante dos bens que Deus lhe deu para os ministrar. Esperamos que o professor destaque a importância e perfeição da obra criadora de Deus e a depredação e exploração dessa obra pelo homem, de maneira criminiosa e egoista, pondo em risco a vida do próximo.

Bases bíblicas da lição

Dois textos servem de base para o estudo da lição o primeiro é o Gênesis, quando descreve toda a obra de criação. Nele, aprendemos que 1) Deus é o criador e sustentador do universo; 2) O homem foi feito administrador, (mordormo) mas não proprietário da obra criada; 3) A terra é o habitat natural do homem, isto é o lugar natural de sua habitação, onde todos devem viver em igualdade de condições.

O outro texto é o de Isaias 45:18 que diz: Porque assim diz o Senhor, que criou os céus, o único que formou a terra, que a fez e a estabeleceu; que não a fez para ser um caos, mas *para ser habitada*... Aqui o profeta reafirma o texto de Gênesis sobre a criação e nos ensina que a terra foi feita para ser dignamente ocupada pelo homem. Todavia este a tem transformada, poluindo o ar, a água e os alimentos, a visão, a audição e comprometendo a vida. Assim, estabeleceu-se

o caos, a confusão, a exploração. Se no começo "— viu Deus que tudo era bom" hoje Ele nos adverte através do texto de Isaias. A terra foi feita p/ *ser habitada*...

Como atingir os objetivos da lição

Siga a ordem dos objetivos conforme estabelecida acima. Desta forma a aula deve começar com a discussão da expressão" o que é bem comum?" Assim, temos:

1. Bem comum ou patrimônio comum é tudo aquilo que é de todos: a terra, o ar, a água, a praia, a rua, a praça, a escola, o hospital, a biblioteca e assim por diante.

2. Bem comum é todo tipo de direito que assegure a dignidade da pessoa humana na sociedade: direito a educação, a assistência médica e hospitalar, a recreação, a liberdade, e outros.

3. Bem comum é o conjunto de *tudo* o que toda pessoa precisa para viver dignamente, isto é, ter uma casa, boa alimentação, roupa, escola, trabalho, condução, etc.

Então você tem diante de si três maneiras de dizer aos alunos o que é *bem comum*. Aqui está implícita a possibilidade de todos poderem ser beneficiados por estes bens, pois faz parte da obra criadora de Deus. Seu propósito de dar condições e oportunidades iguais para todos de, usufruirem dos bens que deixou para a vida de todos.

Diante do que vimos, quais seriam, então, os crimes contra o bem comum? Além dos que aparecem no texto do aluno (Má distribuição e uso indevido da terra que Deus deu para *todos* os homens habitarem, exploração do homem pelo homem, mau uso do dinheiro público, todo tipo de poluição ar, água que ameaça a vida humana sobre a terra, a caça a pesca indiscriminadas) constitui também crime contra o bem comum tudo o que *nega* ou impede o direito de todos à justiça, à fraternidade, à liberdade, à educação, enfim, a valores e serviços que possam garanti vida abundante do homem na socied

Ao discutir com a classe sobre implicações da má utilização do b comum, o professor pode apontar gumas consequências que já compro tem a qualidade de vida humana, faz do da terra o "caos" indesejável. Ass é bom ter em mente:

Os crimes contra o bem comu tais como a negação dos direitos ina náveis da pessoa humana (educaç saúde, liberdade, lazer, salário justo outros) gerou a violência, o crime, morte, a miséria, a fome, a doença, greve, a depredação, enfim o "caos".

Finalmente sugerimos que, o pr fessor leia o texto abaixo para reflex da classe: "Vemos que o uso da tecn logia como instrumental dos poderos nos força a questionar a validade e sentido da construção das barragen tanto para o povo diretamente atingid como para a nação em geral. No xem plo, vemos que mais uma vez o pre do progresso e do desenvolvimen ocorre às custas dos pequenos e indef sos, resultando na concentração de r queza e poder na mão de poucos. Cons tatando que a característica do model político e econômico vigente é a d grandes obras (Itaipu, Usinas Nuclea res, e outras), apontamos para os ma les ecológicos e sociais que os mesmo provocam: destruição das terras férteis e principalmente a desconsideração par com a pessoa humana, suas raízes his tóricas, culturais e sociais. Sabemos qu a inevitável perda de terra fértil e cultivada que dá o sustento ao homem, o consequente desequilíbrio ecológico e o irreversível problema social e humano, oriundos das desapropriações, nos fazem questionar a centralização pretendida por quem entende a vida social, política e econômica, exclusivamente do ponto de vista tecnológico. (Rev. Tempo e Presença n.º 169 — Julho de 1981).

Após a leitura do texto pode propor algumas questões, tais como:

a) É possível ser cristão consciente sem nos preocupar com o bem de todos?

b) Ou a palavra de Deus e a Igreja não têm nada a ver com o *bem comum?*

c) É possível anunciar o Evangelho sem termos consciência e sem conscientizar os demais dos *direitos comuns* que garantem vida abundante?

d) Que atitude prática poderiamos tomar tendo em vista minimizar os riscos de tais crimes que ameaçam a dignidade humana?

A Escola Dominical e o ensino

Vimos no artigo anterior (1) que a Escola Dominical é, hoje, o principal instrumento pelo qual a Igreja Presbiteriana Independente vem desempenhando a sua tarefa educacional para todos os seus filhos, em qualquer faixa etária. Tal afirmação nos leva de imediato a pensar na magnitude e na responsabilidade de um trabalho dessa natureza. E nos leva também a olhar com apreensão o fato de que numerosas igrejas locais nem sempre têm dado a devida atenção ao desempenho de tão importante missão, dado que salta aos olhos em qualquer diagnóstico elementar a respeito.

Objetivos da Escola Dominical

A nosso ver, a Escola Dominical possui três objetivos fundamentais:

1.º) Evangelização: a pregação e o ensino se complementam no exercício da grande comissão (2); é pelo encontro dominical entre professores e alunos que se poderá consolidar o ministério da pregação. É pelo processo de ensino que o professor poderá conhecer o verdadeiro estado espiritual e mental de seus alunos e tornar-se o instrumento da reconciliação deles com o Salvador.

São numerosos hoje os membros efetivos das igrejas locais que foram evangelizados nos "bancos" da Escola Dominical e se fixaram na comunidade pela sua ação docente.

2.º) Desenvolvimento do caráter e da espiritualidade: o novo integrante da comunidade, já reconciliado com o seu Criador e Salvador, precisa ser formado (não enquadrado!) de acordo com os princípios da nova vida; princípios que não podem ser impostos, mas assimilados através de eficaz processo de ensino-aprendizagem. Essa nova vida, gerada pelo Evangelho, compõe-se de novos hábitos, novas atitudes frente aos problemas cotidianos, novo comportamento, que não se cria com aulas sobre moralismo, mas com uma visão clara do Cristianismo e sua implicações em todas as dimensões da vida.

A função da Escola-Dominical é contribuir para a integração do neo-convertido na comunidade Cristã, facilitando o seu crescimento e criando condições para a construção do seu caráter e de sua espiritualidade de acordo com os ensinos de Cristo.

3.º) Treinamento para o serviço cristão: a história de grandes líderes da cristandade mostra que muitos deles iniciaram sua carreira na Escola Dominical; é nela que os alunos são conscientizados sobre o sentido do serviço cristão e são incentivados a participarem efetivamente desse serviço. Esses objetivos são consolidados pelo alvo tríplice do ensino; (a cada aluno, um salvo em Jesus Cristo; b) cada salvo, um cristão em treinamento; e c) cada treinado, um agente eficaz do Reino de Deus (3).

A educação cristã, portanto, é mais do que uma tarefa de verbalização; é mais do que uma transmissão de conhecimentos ou de idéias a respeito de Deus, de Cristo, da Bíblia, etc.; por meio desse ministério, nova vida e novas atitudes são formadas. Ensinar é mais do que exercitar, memorizar, armazenar conhecimentos. Educar é repartir, é ajudar a crescer, a tornar-se um servo do Reino de Deus (4).

Organização da Escola Dominical

Organização é palavra que pressupõe a existência de ordem e metodologia, entendendo-se que há um lugar para cada coisa e cada coisa deve estar no seu lugar! A organização é indispensável à sobrevivência e ao progresso de qualquer empreendimento e envolve pessoas, recursos, resultados, etc.

O Antigo e o Novo Testamentos estão repletos de exemplos e de figuras demonstrando a existência de ordem, das ações organizadas e deixam evidências claras da sua importância no meio do Povo de Deus (5).

Organizar uma Escola Dominical significa dar atenção igual aos seus recursos humanos (alunos, dirigentes e professores), recursos materiais (instalações, mobiliário), material didático (revistas, livros, visuais) e funcionalidade (horários, programas). Atender demasiadamente a um desses aspectos em detrimento dos outros equivale a agir desordenadamente.

Uma Escola Dominical organizada e bem administrada leva em conta, sempre, os seguintes pontos prioritários: treinamento sistemático de professores, currículo dosado e apropriado às faixas etárias, adequação de instalações e recursos audio-visuais, promoção de campanhas de expansão, manutenção de classes especiais para novos crentes, reconhecimento e valorização dos seus colaboradores, comemorações especiais e troca constante de experiências entre dirigentes e professores.

1 — Revista de Educação Cristã
Suplemento do Professor — 4.º Trimestre/1982

2 — Marcos 16:15-16 e Mat. 28:18-20

3 — Manual da Escola Dominical, de Antonio Gilberto da Silva

4 — Christian Education In Theological Focus
George M. Schreyer — Cap. 10

5 — Núm. 2; Josué 14-20; Lev. 1:6, 8 e 12; Ef. 2:19-21; I Tim. 3:15; I Cor. 12:18, 27.
Arnold Hermann Ferle